



**Universidade de Brasília - UnB Instituto de letras - IL Departamento de
Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP Programa de Pós-
Graduação em Linguística - PPGL**

ERILDO FERNANDES DE SOUZA

**TERNOS E BANDEIRAS:
UM ESTUDO SÓCIO- HISTÓRICO DO LETRAMENTO NA
COMUNIDADE KALUNGA VÃO DE ALMAS**

Brasília - DF
2024



ERILDO FERNANDES DE SOUZA

**TERNOS E BANDEIRAS:
UM ESTUDO SÓCIO-HISTÓRICO DO LETRAMENTO NA
COMUNIDADE KALUNGA VÃO DE ALMAS**

Tese apresentada ao Programa de Pósgraduação em Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística, na área de concentração Linguagem e Sociedade.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Ormezinda Ribeiro (UnB/UFES)

Coorientadora: Profa. Dra. Vangela do Carmo Oliveira Vasconcelos (UnB/SEEDF)

Brasília – DF

2024

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

SS729t SOUZA, ERILDO FERNANDES DE
TERNOS E BANDEIRAS: UM ESTUDO SÓCIO HISTÓRICO DO
LETRAMENTO NA COMUNIDADE KALUNGA VÃO DE ALMAS / ERILDO
FERNANDES DE SOUZA; orientador Maria Ormezinda
Ribeiro; co-orientador Vangela do Carmo Oliveira
Vasconcelos. -Brasília, 2024. 88 p.

Dissertação (Mestrado em Linguística) -- Universidade de
Brasília, 2024.

1. Gêneros Orais. 2. Folia de Reis. 3. Cultura. 4.
Letramento. 5. Identidade. I. Ormezinda Ribeiro, Maria ,
orient. II. do Carmo Oliveira Vasconcelos, Vangela , co-
orient. III. Título.

**TERNOS E BANDEIRAS:
UM ESTUDO SÓCIO-HISTÓRICO DO LETRAMENTO NA
COMUNIDADE KALUNGA VÃO DE ALMAS**

ERILDO FERNANDES DE SOUZA

Banca Examinadora

Orrmezinda Maria Ribeiro – UnB
(Orientadora e Presidente da Banca)

Prof^a. Dr^a. Vangela do Carmo Oliveira Vasconcelos – UnB /SEEDF
(Coorientadora)

Prof^a. Dr^a. Rosineide Magalhães de Sousa – UnB
(Membro Interno)

Prof^a. Dr^a. Maria Marlene Rodrigues da Silva - SEEDF
(Membro Externo)

Prof. Dr. Helder Sousa Santos – IFTM Paracatu
(Suplente)

Dedico o presente trabalho a minha família, a minha orientadora Ormezinda, a professora Rosineide, a minha filha Yohanna, aos alunos do colégio Estadual Calunga I antiga sede na comunidade Kalunga Vão de Almas e amigos.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha gratidão a Deus e à minha família pela fé que me sustenta. Agradeço imensamente à minha comunidade quilombola Vão de Almas, cuja existência e resistência são pilares fundamentais na minha vida.

Estendo meus agradecimentos aos professores que foram essenciais na minha jornada acadêmica: Profa. Dra. Ormezinda Maria Ribeiro; Profa. Dra. Vângela

do Carmo Oliveira Vasconcelos pela amizade e orientação valiosa; Profa. Dra. Rosineide Magalhães de Sousa, pela amizade e ensinamentos durante o mestrado. Ao professor Dr. Edinei Carvalho pela valiosa orientação para ingresso no mestrado. Agradeço também aos membros da banca avaliadora por aceitarem o convite e pelas valiosas contribuições, que foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) pelo apoio e pela oportunidade de realizar este estudo.

Muito obrigado!

“A semente sagrada quilombola germinou no solo da diáspora, cultivando oralidade. Natureza é raiz ancestralidade, jardim adubado em solo sagrado é consciência, nossa resistência, é sustentabilidade da resiliência, frutos vingados numa diversa trajetória, marcada por lutas por equidade.”

Eli Odara Theodoro

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar os letramentos presentes na Folia de Reis da Comunidade Kalunga Vão de Almas. Adotamos uma abordagem etnográfica com concepção qualitativa, permitindo-nos registrar e analisar os fatos culturais dessa comunidade, particularmente a Folia de Reis, um festejo tradicional significativo. O estudo é fundamentado nos trabalhos de Marcuschi (2008), Street (2014), Kleiman (2008), Rojo (2012) et al, entre outros, e utiliza as metodologias de Bortoni-Ricardo (2008) e Creswell (2010). Para a geração de dados, realizamos entrevistas com membros de diferentes idades da comunidade, incluindo jovens e idosos, que desempenham papéis significativos nesta prática cultural. A pesquisa revelou que a Folia de Reis é um gênero discursivo predominantemente oral que promove letramentos e revela aspectos culturais e identitários da comunidade Kalunga. Observamos a importância das narrativas orais, da música e dos instrumentos tradicionais, que carregam significados culturais e letrados. Os resultados destacam como a prática da Folia de Reis contribui para a preservação da identidade cultural e para a conscientização sobre a relevância dos letramentos nas manifestações religiosas. Esperamos que este estudo contribua para a compreensão dos letramentos na tradição cultural Kalunga e inspire outras comunidades a valorizarem seus próprios letramentos e culturas.

Palavras-chave: Gêneros Oraís. Folia de Reis. Cultura. Letramento. Identidade.

ABSTRACT

This research aims to analyze the literacies present in the Folia de Reis of the Kalunga Community of Vão de Almas. We adopted an ethnographic approach with a qualitative conception, allowing us to record and analyze the cultural facts of this community, particularly the Folia de Reis, a significant traditional festivity. The study is based on the works of Marcuschi (2008), Street (2014), Kleiman (2008), Rojo (2012), among others, and utilizes the methodologies of Bortoni-Ricardo (2008) and Creswell (2010). For data generation, we conducted interviews with community members of different ages, including both young and elderly individuals, who play significant roles in this cultural practice. The research revealed that the Folia de Reis is a predominantly oral discourse genre that promotes literacies and reveals cultural and identity aspects of the Kalunga community. We observed the importance of oral narratives, music, and traditional instruments, which carry cultural and literate meanings. The results highlight how the practice of the Folia de Reis contributes to the preservation of cultural identity and awareness of the relevance of literacies in religious manifestations. We hope that this study contributes to the understanding of literacies in Kalunga cultural tradition and inspires other communities to value their own literacies and cultures.

Keywords: Oral Genres. Folia de Reis. Culture. Literacy. Identity

RESUMEN

Esta investigación tiene como objetivo analizar los letramientos presentes en la Folia de Reis de la Comunidad Kalunga de Vão de Almas. Adoptamos un enfoque

etnográfico con una concepción cualitativa, lo que nos permitió registrar y analizar los hechos culturales de esta comunidad, particularmente la Folia de Reis, una festividad tradicional significativa. El estudio se fundamenta en los trabajos de Marcuschi (2008), Street (2014), Kleiman (2008), Rojo (2012), entre otros, y utiliza las metodologías de Bortoni-Ricardo (2008) y Creswell (2010). Para la generación de datos, realizamos entrevistas con miembros de diferentes edades de la comunidad, incluidos jóvenes y ancianos, quienes desempeñan roles significativos en esta práctica cultural. La investigación reveló que la Folia de Reis es un género discursivo predominantemente oral que promueve letramientos y revela aspectos culturales e identitarios de la comunidad Kalunga. Observamos la importancia de las narrativas orales, la música y los instrumentos tradicionales, que portan significados culturales y letrados. Los resultados destacan cómo la práctica de la Folia de Reis contribuye a la preservación de la identidad cultural y a la concienciación sobre la relevancia de los letramientos en las manifestaciones religiosas. Esperamos que este estudio contribuya a la comprensión de los letramientos en la tradición cultural Kalunga e inspire a otras comunidades a valorar sus propios letramientos y culturas.

Palabras clave: Géneros Orales. Folia de Reis. Cultura. Letramento. Identidade.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Sítio Kalunga Vão de Almas	p. 15
Figura 2: Jovem quilombola da Comunidade Kalunga de Vão de Almas	p. 22
Figura 3: Mulher na Comunidade Kalunga Vão de Almas	p. 27
Figura 4: Tradições na Comunidade Kalunga Vão de Almas	p. 33
Figura 5: Casa na comunidade Kalunga Vão de Almas	p. 34
Figura 6: Sítio Kalunga	p. 35
Figura 7: Vaqueiro no Sítio Kalunga	p. 36
Figura 8: Império Kalunga	p. 36
Figura 9: Artefatos culturais utilizados na Folia de Reis	p. 40
Figura 10: Curraleira Kalunga em Vão de Almas	p. 47
Figura 11: Homem e mulher quilombola em casa tradicional - Comunidade Kalunga	p. 48
Figura 12: Festividade na comunidade Kalunga Vão de Almas	p. 55
Figura 13: Folia em Vão de Almas	p. 71

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IL - Instituto de Letras

LIP - Departamento de Linguística Português e Línguas Clássicas

PPGL - Programa de Pós-Graduação em Linguística

UnB - Universidade de Brasília

NEL - Novos Estudos do Letramento

SUMÁRIO	1. PRIMEIRO APITO: INICIANDO O GIRO	15
	2. SEGUNDO APITO: LEVANTANDO A BANDEIRA	22
	2.1 Posicionamento	22
3. TERCEIRO APITO: OS CAMINHOS DA FOLIA		27
	3.1 Objetivo Geral	28
	3.2 Objetivos Específicos	28
	3.3 Pesquisa Qualitativa	28
	3.4 Pesquisa Etnográfica	30
4. QUARTO APITO: HISTÓRIA DA COMUNIDADE VÃO DE ALMAS		33
	4.1 Comunidade Kalunga Vão de Almas	34
	4.2 Processo histórico da comunidade Kalunga	37
	4.3 Folia de Reis: tradição no Vão de Almas	38
	4.3.1 Canto da Folia de Reis	40
	4.3.2 Despedida da Folia de Reis	42
	4.3.4 Multimodalidade e Significados na Folia de Reis	44
5. QUINTO APITO: DESVELANDO SABERES		48
	5.1 Novos Estudos do Letramento	49
	5.2 Gêneros discursivos (textuais)	50
	5.3. Tipologia Textual	53
6. PENÚLTIMO APITO: A DINÂMICA SOCIOCULTURAL DA FOLIA DE REIS EM VÃO DE ALMAS: TRADIÇÕES E PRÁTICAS DE LETRAMENTO		55
	6.1 A dinâmica sociocultural da Folia de Reis	56
	6.1.2 Fé e Tradição	56
	6.1.3 Mudanças na Tradição	57
	6.1.4 Transmissão de conhecimentos e participação dos jovens	58
	6.1.5 Significados e práticas da Folia de Reis	58
	6.1.6 Variação Linguística na Folia e na Comunidade	61
	6.1.7 Gêneros Discursivos na Folia de Reis	64
	6.1.8 Letramentos, cultura e identidade na comunidade Vão de Almas	67
	6.1.9 Letramentos e multiletramentos na Folia de Reis	68

7. APITO FINAL: FINALIZANDO O GIRO	75
REFERÊNCIAS	78
ANEXOS	
81 PRIMEIRO APITO ¹ : INICIANDO O GIRO	

Caminhos da Sabedoria

*Na solidão, leitura
Na imaginação, interpretação
Na realidade, ficção
No sofrimento, reflexão Na
reflexão, sabedoria.*

Erildo Fernandes de Souza Figura 1: Sítio Kalunga Vão de Almas



Fonte: Disponível em https://www.nationalgeographicbrasil.com/photography/2018/09/esta-comunidade-quilombola-resiste-isolada-no-coracao-do-cerrado-ha-quase300?image=DJI_0330. Acesso em 20 de mai. 2024.

Quando eu era criança o sonho dos meus pais era de me ver formado e ter uma melhor oportunidade de emprego. Sempre diziam: “estude para não sofrer como sofremos. Vamos lhe colocar para estudar, não me traga problemas, respeite seu

¹ Na Folia de Reis, portando um bastão e vestindo máscaras, os foliões utilizam um apito para anunciar a chegada e a partida da bandeira. Nesta dissertação, os capítulos serão identificados como apitos, uma analogia para representar o início, o meio e o fim da trajetória etnográfica.

professor, faça o que ele pedir em sala e, se chegar uma reclamação sua aqui e precisar ir lá resolver, irei lhe bater na frente de todos...”

Sou quilombola com muito orgulho. Nasci na cidade de Monte Alegre, Goiás. Após o meu nascimento, minha mãe retornou à comunidade Kalunga Vão de Almas, onde moro atualmente com meus pais. Desde cedo, comecei a ajudar meus pais na roça e, com isso, aprendi a manejar a terra e os alimentos. Por meio da plantação de alimentos é que tirávamos o sustento para manter nossa família.

Na comunidade, plantávamos diversos alimentos para o consumo e comercialização, entre eles: arroz, feijão, milho, mandioca, jiló, quiabo, abóbora, melancia, melão, cana, banana, gergelim, entre outros. Desses alimentos, fazíamos várias maneiras de consumi-los. Da mandioca, por exemplo: fazíamos farinha para o consumo e comercialização, comíamos em pedaços, fazíamos beiju e outros. Da cana, fazíamos mel. Além disso, raçoávamos as criações no período de seca. Do gergelim, fazíamos paçoca. O milho comíamos assado e cozido; fazíamos bolo, mingau, angu e usávamos na criação de galinha para consumo e comercialização de ovos.

Os alimentos que não eram produzidos na comunidade comprávamos por meio do lucro da comercialização dos outros alimentos. Assim, a venda de alguns alimentos era para conseguirmos dinheiro para comprar os outros gêneros alimentícios que não tínhamos, como por exemplo, o óleo e sal, tão indispensáveis na alimentação.

Meus pais me ensinaram muito sobre a cultura Kalunga e os modos de vida dos mais velhos. Aprendi bastante como preservar as nascentes dos córregos e sobre os lugares que podiam fazer roças. Em relação à vida escolar, comecei a estudar aos seis anos de idade na Escola Estadual Kalunga I. A distância até a escola era muito grande. Meu irmão mais velho tinha que estudar. Ele já estava com 08 anos de idade, mas nunca tinha se matriculado porque não tinha companheiro para ir até o colégio, e meus pais não tinham como levá-lo todos os dias, pois precisavam cuidar dos meus irmãos mais novos e trabalhar na roça para que não passássemos fome. Da escola em casa (ida e vinda) percorríamos cerca de 12 km.

Um dos textos lidos que marcou minha vida foi a fábula de “A cigarra e a

formiga”. Era a nossa leitura. Naquele tempo, era muito difícil encontrar livro para ler, até o livro didático, só o professor tinha algumas vezes. O que mais me chamava a atenção era o tamanho do sapato da cigarra. Gostava das aulas de matemática, nelas me sentia presente, cada continha feita era um sinônimo de felicidade. O professor era só um que lecionava todas as disciplinas. As atividades para casa eram as primeiras a serem olhadas, sentava-se à luz de lamparina (candeia) e meus pais pegavam na minha mão, ensinando-me a escrever aquelas curvadas letras. Cada letra ou palavra desenhada seria o início do desenvolvimento da coordenação motora. Aquele velho caderno com mancha de carvão e cheio de orelhas de burro (folhas dobradas na ponta) seria o início de uma longa caminhada

Pelo trajeto da escola para casa a fome já era maior e íamos comendo as deliciosas frutas do cerrado e brincando pelo caminho. Chegava em casa a mamãe já estava com o almoço feito, comia, descansava, e a tarde ia ajudar meus pais na roça. À noite eles me ajudavam com as tarefas e, assim, fui começando a trilhar o caminho da busca pelo saber científico.

Estudei nesta escola até os 6 anos, sendo que fiz 5º ano e 6º anos em um ano. Tive que estudar aceleração. A escola estava em um período de transição, pois só atendia nesta instituição alunos da primeira fase e nesse ano ia começar a atender alunos da segunda fase. Por conta disso, percebi que houve uma fragmentação da minha aprendizagem. Dois professores eram responsáveis por todas as disciplinas, fiquei um pouco perdido.

Colégio simples, sem biblioteca, recursos muito pouco, o professor sempre se reinventava para sair daquela aula tradicional, o nome dele era Reginaldo. Quando falava, sentia sua voz estremecer, por sinal ótimo professor. Admirava aquele nobre professor e pensava: quando crescer quero me tornar professor. Todos aqueles conteúdos aprendidos foram de suma importância, mas via as aulas de língua portuguesa como uma coisa chata que não nos dávamos bem.

Os tempos foram passando e passei a gostar, e gosto cada vez mais, do que leio e aprendo sobre multiplicidade.

No ano seguinte, meus pais decidiram que eu não iria estudar mais nessa escola. Fui transferido para outra escola que atendia até o 9º ano do Ensino fundamental. Cada vez mais a preocupação só aumentava. Era uma escola um pouco longe, na qual a ida e vinda dava 22 km. Para a preocupação ainda maior dos meus

pais, havia um rio que no período de chuva era muito perigoso. Além disso, já tinha que pensar como íamos para a escola, ou seja, um meio de transporte. O mais fácil seria ir de bicicleta, mas nós não tínhamos e era difícil conseguir. Pensamos e chegamos a uma conclusão de que iríamos fazer uma roça de mandioca, fazer a farinha e vender para comprar as bicicletas.

Então, fizemos a roça, plantamos a mandioca, fizemos a farinha nos finais de semana e nossos pais levaram-na à cidade e conseguiram vende-la e, com o dinheiro, conseguimos comprar duas bicicletas *Monark* em Brasília. Mas na comunidade não havia estradas, então meu pai teve que andar 44 km com elas nas costas para poder chegar em casa. Depois fomos aprender a andar. Aprendemos e começamos a estudar. No final do ano, meus pais chegaram à conclusão de que no ano seguinte teríamos que ir estudar em Cavalcante. Por causa disso, comecei a dormir pouco, pensando em ter que morar distante da minha família, às vezes chorava quando pensava nessa hipótese.

Em 2009, tivemos que ir estudar na cidade de Cavalcante. Meus pais não tinham casa na cidade, então fomos morar (todos menores de idade) na casa da nossa avó paterna com um tio. Meus pais não podiam ir morar lá, porque eram eles quem tiravam o sustento das roças para manter a família.

Comecei a estudar no período matutino. Nessa época, comecei a sofrer atos preconceituosos dentro e fora da escola. A cada ato sofrido vinha a vontade de voltar para minha comunidade de origem. Cheguei ao ponto de querer abandonar os estudos, mas fui aconselhado por familiares. Passei muita fome. Diante desses transtornos, comecei a ingerir drogas lícitas. Já estava me tornando um adolescente violento. Quando estava com muita fome, cheguei a pensar em pegar alimentos nas chácaras dos vizinhos, pois meus pais só iam à cidade de mês em mês. Veio o ano de 2009 e continuei na mesma situação. Às vezes, chegava tarde no colégio e pulava o muro, dando um jeito de entrar quando mudava de horário.

Em 2010, passei a estudar no período noturno. Já estava cada vez mais rebelde, pois ninguém se importava comigo, apenas meus familiares, mas eles não sabiam desses episódios. Até que um dia uma professora me chamou em particular e me aconselhou a focar mais em meus estudos, percebi que existiam pessoas boas, e comecei a seguir seus conselhos. Então, logo comecei a procurar serviços, mas o que encontrava era apenas para capinar lotes e chácaras. Como já era acostumado a fazer

esses serviços, quando surgia algum lote pegava a empreitada. Às vezes, saia perguntando se as pessoas não tinham um lote ou chácara para limpar e, assim, consegui comprar algumas coisinhas. Notei que precisava fazer alguns cursinhos, então, entrei em um curso de informática, mas depois de um mês tive que abandonar.

Em 2011, último ano de estudo, já estava concluindo a terceira série do Ensino Médio. Surgiu um grupo teatral que dava prioridade a pessoas de comunidades quilombolas. Então, formamos um grupo e combinamos de encontrar aos domingos com a professora Edimara Diniz. Com entrada no grupo teatral, parei de cometer os atos ilícitos.

O grupo passou a se chamar Guardiões da Memória. No grupo, começamos a nos identificar, pois tratava de nossa cultura. Começamos a fazer apresentações em Alto Paraíso, na própria cidade também. Começamos a perder a timidez e a ter uma melhor autoestima. Depois, a professora conseguiu parceria com a UnB e passamos a ganhar uma bolsa no valor de R\$ 160,00. Ficamos mais entusiasmados ainda.

Nesse mesmo ano, saiu o vestibular de Licenciatura em Educação do Campo da UnB. Comentei na sala de aula que iria fazer. Uma colega de sala de aula tentou me reprimir dizendo: “larga de bestagem, outras pessoas mais inteligentes já tentaram e não conseguiram, você que vai conseguir?”. Diante dessa crítica com a intenção de me reprimir, inspirei-me mais ainda e pensei: “tenho que dar a volta por cima”.

Em junho fiz a prova e fui aprovado, nem sabia do que se tratava, porém, sabia que era algo bom. Para me matricular, precisava de uma declaração do colégio afirmando que eu iria conseguir concluir a terceira série do Ensino Médio naquele ano. Como havia mais pessoas desse colégio que tinham passado, fomos conversar com a diretora e ela não quis nos dar a declaração. Disse que tínhamos que conversar com os professores. Fomos e conversamos, alguns se colocaram à disposição de nos ajudar e outros falaram que, se dependesse deles, nós não iríamos conseguir. Até que um professor tomou a iniciativa e perguntou se nós tínhamos boas notas. Mostramos a ele o boletim e ele obrigou a diretora a nos dar a declaração, dizendo que isso era oportunidade única e que não podíamos perder. A diretora nos deu o documento sem vontade. Matriculamos e fizemos a primeira etapa de 04 dias.

Identifiquei-me e aprendi bastante com o curso Licenciatura em Educação do Campo. É um curso que valoriza o sujeito do campo na busca da construção de identidade individual, coletiva, valorizando a cultura, formando sujeitos críticos para a

vida. Em 2012, fui para etapa de 32 dias. Passei várias dificuldades, porém não fraquejei.

Realizei 200 horas de estágio na sala de aula, sendo uma parte no Ensino Fundamental e a outra parte no Ensino Médio. No estágio, coloquei em prática parte do que eu havia aprendido no curso, sempre relacionando o máximo possível os conteúdos com a realidade dos alunos. Ao longo do curso, desenvolvi vários projetos na comunidade em curto, médio e longo prazo, tais como: doenças sexualmente transmissíveis, gravidez precoce na adolescência, lixo no festejo.

Participei do PIBID (Projeto Institucional de Bolsa a Iniciação à Docência) durante quatro meses. Durante esse pouco tempo, foram desenvolvidas oficinas de letramento, gêneros textuais e suas tipologias, alimentos transgênicos. Passei filmes para as pessoas da comunidade: *Narradores de Javé*, *O Veneno está na Mesa*. Em 2016, fui selecionado para trabalhar na sala de aula, onde transmito o que aprendi no curso e sempre busco ir além. Logo depois ingressei na pós-graduação de Língua Portuguesa voltada ao Ensino Médio, onde estudei um ano e meio e consegui concluir elaborando um material didático. Sempre colocando em prática o que aprendi e buscando novos horizontes de aprendizagem.

No Ensino superior, o livro que marcou minha vida foi o romance de Graciliano Ramos, *Vidas Secas*. Não sei por qual motivo, mas me sentia como parte daquele enredo que se passava com os personagens e aquilo parecia mais próximo da minha realidade. Os tempos foram passando e passei a ganhar gosto pela leitura, não gosto de falar muito, prefiro dizer no papel.

Agora, falarei um pouco da minha comunidade Kalunga Vão de Almas. Na comunidade, há várias manifestações culturais que fortalecem as tradições, tornando o ambiente cultural cada vez melhor. Em outras palavras, Vão de Almas é uma comunidade onde há vários eventos culturais, entre eles podemos destacar as festas tradicionais. Esses eventos estão ajudando cada vez mais a divulgar a comunidade, suas belezas e, também, os modos como os moradores vivem, ou seja, pessoas que, mesmo sem estudar, têm suas sabedorias que foram aprendidas durante sua longa jornada de vida.

Desde a elaboração do meu trabalho de conclusão da Pós-Graduação em Língua Portuguesa pela Universidade de Brasília (UnB) sobre o processo histórico brasileiro e as diversas línguas presente no território brasileiro e na comunidade

Kalunga Vão de Almas, localizada no município de Cavalcante- GO, interessei-me em pesquisar ainda mais sobre o tema. Primeiro, pelo meu interesse individual; segundo, para apresentar à sociedade a cultura que se encontra em nossa comunidade para que as pessoas que aqui vivem possam ter orgulho de suas trajetórias de vida, das lutas enfrentadas, dos seus conhecimentos empíricos e seus letramentos.

Esta pesquisa é de grande relevância para mim enquanto morador e pesquisador da comunidade, para as pessoas que aqui vivem e para a sociedade em geral. Pesquisar sobre a origem do meu povo, sobre a cultura e seus letramentos que ainda sem muito registro escrito impactam bastante na sociedade.

Pretendo partir de uma premissa maior até chegar na menor, no caso, a Comunidade Kalunga Vão de Almas, para podermos relacionar com outras realidades e apresentar essa pluralidade existente nas manifestações religiosas. O maior interesse em pesquisar sobre o tema foi saber mais sobre a história dos nossos ancestrais para as novas gerações entenderem o passado e traçar do presente novas estratégias para o futuro.

Partindo do contexto de pesquisa, elaboramos a seguinte questão-problema desta dissertação: qual a origem sócio-histórica de formação da comunidade Kalunga Vão de Almas, suas linguagens, sua memória ancestral, sua cultura e seus letramentos?

Considerando a questão-problema, o objetivo geral proposto para esta pesquisa é analisar o processo sócio-histórico, a cultura e os letramentos presentes na Folia de Reis da comunidade Kalunga Vão de Almas. Os objetivos específicos serão apresentados no capítulo metodológico da pesquisa (terceiro apito: os caminhos da folia).

Recorremos aos pressupostos do método etnográfico para a elaboração da pesquisa colaborativa construída não apenas do ponto de vista do pesquisador, mas sobretudo do ponto de vista dos pesquisados (colaboradores). Tais colaboradores têm voz na pesquisa, uma vez que são eles que podem confirmar ou não a interpretação dos dados observados pelo pesquisador. Para a geração de dados, realizamos entrevistas com membros de diferentes idades da comunidade, incluindo jovens e idosos, que desempenham papéis significativos nesta prática cultural

Alternamos no texto desta dissertação, o uso da primeira pessoa do plural e da primeira pessoa do singular. Ao utilizar a primeira pessoa do singular, exponho momentos particulares como pesquisador em campo, em minhas reflexões teóricas em que me assumo como sujeito do meu pensar partindo de minhas experiências pessoais (Coracini, 2007). Ao utilizar a terceira pessoa do plural, trago as diversas vozes que construíram esta pesquisa: o pesquisador, os autores que embasaram este trabalho e os colaboradores da pesquisa (Bakhtin, 2003).

Esta dissertação está estruturada em uma introdução, quatro capítulos e as considerações finais. A introdução apresenta a justificativa, a motivação e o interesse científico para o desenvolvimento desta pesquisa.

No capítulo *Terceiro Apito: os caminhos da folia*, apresentamos os aspectos metodológicos da pesquisa qualitativa e suas abordagens partindo dos pressupostos da etnografia e da pesquisa participativa, as técnicas de geração de dados, o problema de pesquisa.

A fundamentação teórica da dissertação está desenvolvida nos capítulos quarto apito, quinto apito e penúltimo apito. As discussões, quer sejam de ordem teórica, metodológicas, históricas, encontram-se respaldadas nos estudos de Street (2014), Soares (2021), Rojo (2008), Neves (2008), Kleiman (2008), Brandão (2004), Saraiva (2012) e outros.

Nas considerações finais, sintetizamos a discussão dos capítulos e apresentamos as principais contribuições do trabalho.

É importante ressaltar que esta pesquisa traz uma importante contribuição para os povos quilombolas da região de Cavalcante/GO, sua cultura, formas de pensar e viver.

SEGUNDO APITO: LEVANTANDO A BANDEIRA

Reflexão de Passagem

*Viver vivendo e aprendendo
Vivo, penso e faço
Das palavras melodias
Da escrita contribuição.
Do aprendizado
Gratidão*

*Tudo é passageiro
E eu estou de passagem...*

Erildo Fernandes de Souza

Figura 2: Jovem quilombola da Comunidade Kalunga de Vão de Almas.



Fonte: Disponível em https://www.nationalgeographicbrasil.com/photography/2018/09/estacomunidade-quilombola-resiste-isolada-no-coracao-do-cerrado-ha-quase-300?image=DJI_0330. Acesso em 20 de mai. 2024.

1. Posicionamento

Esta pesquisa é de extrema relevância para potencializar a cultura e os letramentos na comunidade Kalunga Vão de Almas. Trata-se de uma comunidade rica em manifestações culturais e, a partir dessas manifestações, podemos conhecer seus letramentos. Então, pretendo, a partir dessa realidade, pesquisar a origem de formação e cultura da comunidade para apresentar essa pluralidade existente que, muitas vezes, fica esquecida. Por isso, entendo que esse estudo no quilombo Vão de Almas será muito importante para o meio acadêmico-científico e, principalmente, para a comunidade (Souza, 2015).

Para a proposição desta pesquisa e apresentação da problemática, parti de alguns conceitos centrais fundamentais no processo de compreensão da realidade quilombola da comunidade Kalunga Vão de Almas, entre eles: cultura, memória, identidade, linguagem e letramentos.

O conceito de cultura significa cultivar algo, sendo que cada cultura muda de acordo com a região e modos que as pessoas agem (Saraiva, 2010). Na minha comunidade, por exemplo, há várias folias, como a festa de nossa Senhora da Abadia, que são eventos que acontecem todo ano sempre na mesma data. Durante esses eventos, as pessoas se reúnem para celebrar e cultivar suas crenças e saberes. São manifestações que as pessoas da comunidade Kalunga Vão de Almas adquiriram ao longo de suas histórias de vida. Dentro desse contexto, podemos dizer que as culturas são os sistemas de comportamento social transmitido a comunidades de ser humanos, incluindo seus modos de vida, organizações, tecnologias e atividades religiosas (Saraiva, 2010).

Quando mencionamos o termo cultura estamos falando de crenças, saberes, costumes, ou seja, de coisas que o ser humano desenvolve na sociedade. Nesse processo, cada região ou comunidade tem suas culturas que foram adquiridas de geração em geração por meio de manifestações sociais.

Saraiva (2012, p. 211) afirma que “a cultura é forma de interpretar o mundo. Cada grupo define a melhor maneira de formular essa interpretação”. Homens e mulheres desenvolvem sua cultura de acordo com o mundo em que vivem, buscando interpretar a realidade, manifestando, expressando e formando ações na sociedade, buscando entender o que as pessoas querem dizer através das manifestações culturais. No caso da comunidade Kalunga Vão de Almas, a cultura foi formada pelos primeiros moradores e permanece guardada na memória.

O conceito de memória significa guardar algo na mente. Podemos dizer também que memória é a capacidade de conseguir armazenar tudo do passado e compartilhar com pessoas suas experiências vividas ou, ainda, de algo contado pelos amigos, familiares, noticiários de livros, jornais, revistas, televisão etc.

Portanto, algo guardado na memória tem suas fragmentações, pois podem ser perdidas ao longo do tempo. Nesse processo, a cultura de um determinado território ficará sem seus bons relatos. A memória está exposta nas pessoas como forma de agir, pensar e, a partir daí, construir suas histórias. Flávio (2011, p. 129) afirma que:

Os processos criadores de memórias coletivas são resultantes de um trabalho do espírito o qual media os modos de agir, pensar, perceber dos homens. O trabalho de construção da memória é trabalho que serve às estratégias incorporadas pelas práticas, conflitos e tensões que marcam as relações sociais produtoras de territórios e territorialidades sociais (Flávio, 2011, p.129).

Outro conceito para a compreensão da realidade quilombola é o de identidade coletiva. A identidade coletiva são as manifestações que um determinado grupo apresenta para ter identificação. Segundo Baptista (2002) a identidade coletiva é uma construção histórica que se dá a partir da relação dialética que ocorre em algum espaço por um grupo. Podemos dizer que a Folia de Reis presente na comunidade Vão de Almas é uma construção de identidade coletiva, pois todos que estão ali se manifestam juntos, em um espaço e tempo e, aos poucos, vão se formando uma identidade coletivamente.

Segundo Baptista (2002), identidade individual é a construção da percepção que o ser atribui ao longo de sua vida. Cada pessoa tem sua identidade individual e coletiva, que vai adquirindo no processo de relação com a sociedade para divulgar seus territórios ou grupo.

Outros dois conceitos fundamentais para a pesquisa é o de linguagem e de letramentos. A linguagem está relacionada à capacidade que os seres humanos têm para produzir, desenvolver e compreender a língua e outras manifestações, como a pintura, a música e a dança, ou seja, os diferentes atos de comunicação. Os letramentos, por sua vez, podem ser definidos como “conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos” (KLEIMAN, 2008, p. 18).

Atrelado ao conceito de letramento, há também os letramentos multissemióticos exigidos pelos textos contemporâneos, ampliando a noção de letramentos para o campo da imagem, da música, das outras semioses que não são somente a escrita. Como destaca Rojo (2008), o conhecimento e as capacidades relativas a outros meios semióticos estão ficando cada vez mais necessárias no uso da linguagem, tendo em vista os avanços tecnológicos: cores, imagens, sons, design etc., que estão disponíveis na tela do computador e em muitos materiais impressos que têm transformado o letramento tradicional (da tela/ livro) em um tipo de letramento insuficiente para dar conta dos letramentos necessários para agir na vida contemporânea. Lembrando que nessa prática está presente o letramento ideológico (STREET1984), que considera as práticas de leitura e escrita ligadas indissolivelmente à cultura do contexto em que estas acontecem.

O termo multiletramentos surgiu como uma pedagogia para acompanhar os avanços tecnológicos dos indivíduos (Pinheiro, 2021). Essa nova pedagogia veio

devido à multiplicidade de integração nos meios de comunicação, devido à diversidade linguística, cultural e social. Com a vivência tecnológica cada vez mais globais os indivíduos tendem a lidar com diferentes letramentos. O termo letramentos se apoia na multimodalidade, assim, então, o termo sai do singular indo para o plural, para reconhecer as múltiplas formas de comunicação. Multiletramentos é a diversidade social, diferentes situações culturais e sociais, dependendo do contexto social em que estão inseridos, experiência de vida etc. Todo indivíduo tem suas diferenças linguísticas, culturais que fazem parte de vida cotidiana. Interagir usando múltiplas linguagens faz parte da nossa comunicação. Os nossos cinco sentidos fazem parte de nossa comunicação, e os significados promovem a interação com os outros, desenvolvendo novas habilidades e incorporando, assim comunicações multimodais nas novas mídias digitais.

Partindo desses conceitos centrais e, por nascer, crescer, morar na comunidade e atuar como professor no colégio Estadual Calunga I, no Ensino Fundamental e Médio, tenho observado que os estudantes e boa parte das pessoas da comunidade conhecem pouco o processo histórico e a origem do seu povo, o que tem reflexo na identidade, memória e cultura local. Com base nessa realidade, esta pesquisa parte do seguinte **problema**: *qual a origem sócio-histórica de formação da comunidade Kalunga Vão de Almas, suas linguagens, sua memória ancestral, sua cultura e seus letramentos?*

Espera-se que esta pesquisa contribua significativamente para a valorização e o fortalecimento da cultura e dos letramentos na comunidade Kalunga Vão de Almas. Ao investigar a origem, a formação e a cultura dessa comunidade, pretendemos revelar e documentar a riqueza e a pluralidade cultural que muitas vezes permanecem esquecidas. Este estudo não só enriquece o meio acadêmico-científico, proporcionando novas perspectivas sobre as práticas de letramento em contextos específicos, como também fortalece a identidade e a memória da própria comunidade, valorizando suas tradições e conhecimentos ancestrais.

TERCEIRO APITO: OS CAMINHOS DA FOLIA

Trilhas etnográficas

*Nas trilhas da etnografia,
Caminhos de saber traçamos,
Com olhares e escutas,
A cultura revelamos.*

Erildo Fernandes de Souza

Figura 3: Mulher na Comunidade Kalunga Vão de Almas



Fonte: Disponível em https://www.nationalgeographicbrasil.com/photography/2018/09/estacomunidade-quilombola-resiste-isolada-no-coracao-do-cerrado-ha-quase-300?image=DJI_0330. Acesso em 20 de mai. 2024.

A metodologia desta pesquisa parte do interesse em compreender os letramentos presentes nas manifestações religiosas, um gênero discursivo que se manifesta predominantemente na oralidade. Para alcançar esse objetivo, adotamos uma abordagem etnográfica com concepção qualitativa. Esse método nos permite registrar e analisar os fatos que ocorrem em uma determinada comunidade, no nosso caso, a Folia de Reis, um importante festejo da tradição cultural Kalunga da Comunidade Vão de Almas, local onde realizamos nossa pesquisa.

E apresenta os seguintes objetivos:

3.1 Objetivo Geral: Analisar o processo sócio-histórico, a cultura e os letramentos presentes na Folia de Reis da comunidade Kalunga Vão de Almas.

3.2 Objetivos Específicos:

- Apresentar breve histórico da formação das comunidades Kalunga da região nordeste de Goiás, notadamente o Vão de Almas quanto ao processo de formação da cultura local;
- Situar o gênero discursivo da esfera religiosa na festividade Folia de Reis para a formação da identidade cultural quilombola do Vão de Almas;

- Identificar a linguagem sociocultural e os letramentos presentes na manifestação religiosa da Folia de Reis da comunidade Vão de Almas;
- Descrever e analisar a Folia de Reis na Comunidade Kalunga Vão de Almas, um gênero discursivo que se manifesta predominantemente na oralidade, promovendo letramentos e revelando aspectos culturais e identitários da comunidade.

Focando em compreender os letramentos na oralidade, nosso estudo teve como alvo os jovens, que desempenham um papel significativo nessa prática cultural. Para coletar e gerar dados, utilizamos entrevistas gravadas em áudio, para que pudessemos capturar informações mais detalhadas e precisas. Com esta pesquisa, esperamos contribuir para a compreensão dos letramentos nas manifestações religiosas e, especialmente, para o entendimento da sua relevância na tradição cultural Kalunga.

3.3 Pesquisa Qualitativa

Este trabalho é de natureza qualitativa (Bortoni-Ricardo, 2008) e de vertente etnográfica (Creswell, 2013). Na pesquisa qualitativa, é essencial analisar cuidadosamente as informações e os dados gerados/coletados a fim de desenvolver um entendimento mais aprofundado das ideias e perspectivas da população pesquisada. Dessa forma, é possível construir um retrato mais completo e preciso do objeto de estudo. Ao adotar uma abordagem qualitativa, o pesquisador busca compreender as experiências e percepções dos participantes da pesquisa, levando em consideração o contexto social, cultural e histórico em que essas ideias são construídas e com partilhadas. Isso implica uma análise cuidadosa dos dados, que inclui, desde observações e entrevistas a análise de documentos e outras fontes de informação.

A pesquisa qualitativa requer, portanto, uma análise profunda e reflexiva desses dados, de modo a permitir que o pesquisador desenvolva uma compreensão sólida e baseada nas ideias das pessoas pesquisadas, a fim de produzir uma descrição fiel e representativa da população estudada.

O objetivo principal da pesquisa qualitativa, em especial a abordagem etnográfica, é revelar o que é descoberto ao longo da pesquisa nos espaços sociais e no cotidiano, tornando visível o que antes era invisível (Bortoni-Ricardo, 2008). Nesse sentido, é fundamental que o pesquisador reflita sobre os temas abordados em sua

pesquisa, escolhendo um ou mais para aperfeiçoar seu estudo. Após coletar e registrar os dados, é necessário refletir e analisar para chegar a uma interpretação precisa dos resultados.

A pesquisa qualitativa é uma abordagem de investigação que se concentra na compreensão profunda e rica de fenômenos sociais complexos. Essa abordagem é amplamente utilizada em disciplinas como sociologia, antropologia, psicologia, educação, enfermagem, entre outras áreas das ciências humanas e sociais.

Segundo Bortoni-Ricardo (2008), a pesquisa qualitativa envolve a coleta e análise de dados que são descritivos e exploratórios, ou seja, busca-se compreender as experiências e perspectivas dos indivíduos e grupos envolvidos em determinado fenômeno social. A autora destaca que a pesquisa qualitativa é uma abordagem que permite que os pesquisadores compreendam como as pessoas interpretam e dão significado aos eventos e experiências que vivenciam.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2008), a pesquisa qualitativa é caracterizada por algumas especificidades, tais como:

É baseada em dados empíricos - A pesquisa qualitativa é baseada em dados coletados a partir de observação, entrevistas, grupos focais, diários, entre outras técnicas de coleta de dados. Esses dados são obtidos a partir de experiências e perspectivas reais dos participantes da pesquisa. Utiliza a análise indutiva - A pesquisa qualitativa se concentra na análise indutiva, ou seja, a partir dos dados coletados, busca-se desenvolver interpretações teóricas e conceituais sobre os fenômenos estudados. Essa abordagem permite que os pesquisadores descubram padrões e significados emergentes a partir dos dados. Busca-se a compreensão profunda - A pesquisa qualitativa busca compreender profundamente os fenômenos estudados. Isso significa que os pesquisadores se esforçam para entender a complexidade e a diversidade de experiências e perspectivas envolvidas. É flexível e adaptável - A pesquisa qualitativa é caracterizada por uma abordagem flexível e adaptável, o que significa que o pesquisador pode modificar a metodologia e as técnicas de coleta de dados de acordo com as necessidades da pesquisa. Envolve o pesquisador - A pesquisa qualitativa reconhece que o pesquisador é um instrumento importante na coleta e análise de dados. Isso significa que os pesquisadores devem estar cientes de suas próprias perspectivas e experiências pessoais, bem como das influências sociais e culturais que podem afetar a interpretação dos dados (Bortoni-Ricardo, p.49 2008).

A autora destaca que a pesquisa qualitativa é uma abordagem amplamente utilizada para explorar questões complexas e multidimensionais em uma ampla gama de contextos sociais e culturais. Essa abordagem permite que os pesquisadores

obtenham uma compreensão rica e detalhada das experiências e perspectivas dos participantes da pesquisa.

Como dito anteriormente, o objetivo geral desta pesquisa foi analisar o processo sócio-histórico, a cultura e os letramentos presentes na Folia de Reis da comunidade Kalunga Vão de Almas, um gênero discursivo que se manifesta predominantemente na oralidade, promovendo letramentos e revelando aspectos culturais e identitários da comunidade. Para alcançar esse objetivo, foi utilizada a abordagem etnográfica, que permite observar e registrar os eventos e práticas associados à Folia de Reis, bem como entrevistar membros da comunidade para compreender suas perspectivas e experiências.

Com base nessas informações, analisei os dados gerado a fim de descrever de forma precisa e abrangente a Folia de Reis na Comunidade Kalunga Vão de Almas e identificar seus principais aspectos culturais e identitários. Assim, esperamos contribuir para a compreensão dos letramentos nas manifestações religiosas e sua importância para a preservação da cultura local.

3.4 Pesquisa Etnográfica

A pesquisa etnográfica é uma abordagem metodológica amplamente utilizada em diversas áreas do conhecimento, incluindo antropologia, sociologia, educação e comunicação. Segundo Creswell (2013), a pesquisa etnográfica é uma técnica que busca entender e descrever as práticas culturais, valores, crenças e comportamentos de um grupo social específico. Neste sentido, a pesquisa etnográfica pode ser compreendida como um método qualitativo que busca capturar as perspectivas dos sujeitos pesquisados e o contexto em que vivem.

Creswell (2013) destaca que a pesquisa etnográfica é um processo longo e imersivo que envolve a observação direta de um grupo social, geralmente em seu ambiente natural. Isso significa que o pesquisador deve estar presente no campo e realizar observações detalhadas e sistemáticas do comportamento dos indivíduos e das interações que ocorrem entre eles. Além disso, o pesquisador também pode utilizar técnicas como entrevistas, conversas informais, questionários, análise de documentos e registros para coletar dados.

A abordagem etnográfica também requer que o pesquisador adote uma postura reflexiva, reconhecendo a sua própria influência e papel na pesquisa, considerando a forma como suas características pessoais e experiências afetam a

maneira como os sujeitos pesquisados o veem. Além disso, o pesquisador deve estar disposto a considerar e entender os pontos de vista dos sujeitos pesquisados, sem impor suas próprias concepções e valores.

Outro aspecto fundamental da pesquisa etnográfica é a análise dos dados coletados. Creswell (2013) destaca que a análise dos dados deve ser um processo cuidadoso e sistemático, que busca identificar padrões e temas relevantes emergentes dos dados. A análise etnográfica pode incluir a identificação de categorias e temas recorrentes, a elaboração de narrativas e a análise de contrastes entre diferentes grupos sociais ou culturais.

O autor ainda destaca que a pesquisa etnográfica pode ser aplicada em diversos contextos, desde estudos de comunidades rurais e urbanas até investigações em organizações e instituições. A abordagem etnográfica, também, pode ser utilizada para explorar questões relacionadas a gênero, raça, etnia, religião, classe social e outras dimensões culturais.

Por meio da observação direta e imersiva em um grupo social, a pesquisa etnográfica busca entender e descrever as práticas culturais, valores, crenças e comportamentos dos sujeitos pesquisados. A abordagem etnográfica também requer uma postura reflexiva do pesquisador e uma análise cuidadosa e sistemática dos dados coletados. Desenvolvemos este trabalho partindo desta abordagem, procurando compreender os letramentos na Comunidade Kalunga do Vão de Almas, nosso contexto de pesquisa.

Neste Capítulo, delineamos a metodologia adotada para compreender os letramentos presentes nas manifestações religiosas da comunidade Kalunga Vão de Almas, com um enfoque especial na Festividade da Folia de Reis. Adotamos uma abordagem etnográfica de natureza qualitativa, que nos permitiu uma imersão profunda na cultura e nos rituais da comunidade. A pesquisa etnográfica foi escolhida por sua capacidade de registrar e analisar de maneira detalhada os comportamentos, práticas e significados culturais de um grupo social específico, como destaca Creswell (2013), e favorece a compreensão da realidade da comunidade Kalunga Vão de Almas.

**QUARTO APITO:
HISTÓRIA DA COMUNIDADE KALUNGA VÃO DE ALMAS**

Raízes do Vão de Almas
No sertão, histórias nascem,
Culturas de um povo em união.
Kalunga resiste, tradição persiste,
Folia e fé em cada coração.
Erildo Fernandes de Souza

Figura 4: Tradições na Comunidade Kalunga Vão de Almas



Fonte: Disponível em

https://www.nationalgeographicbrasil.com/photography/2018/09/estacomunidade-quilombola-resiste-isolada-no-coracao-do-cerrado-ha-quase-300?image=DJI_0330. Acesso em 20 de mai. 2024.

Neste Capítulo, apresentaremos um breve histórico da formação das comunidades Kalunga na região nordeste de Goiás, com foco especial no Vão de Almas. Discutiremos o processo de formação da cultura local, destacando as influências históricas e sociais que moldaram a identidade da comunidade. Além disso, situaremos o gênero discursivo da esfera religiosa, especificamente na festividade da Folia de Reis, como um elemento central na formação da identidade cultural quilombola do Vão de Almas.

4. Comunidade Kalunga Vão de Almas

A comunidade Kalunga do Vão de Almas está localizada a 80 km da cidade de Cavalcante – GO e possui cerca de 350 famílias, todas vivendo da agricultura familiar. É uma comunidade de difícil acesso porque a estrada principal foi construída atravessando uma grande serra que, muitas vezes, impede alguns veículos de subila, tornando um trajeto difícil. Na época de chuva, por causa das erosões causadas pelas águas, fica ainda mais complicado o acesso à comunidade. O acesso só é possível em carro com tração nas quatro rodas ou de motocicleta.

Além dos desafios geográficos, a comunidade enfrenta dificuldades relacionadas à infraestrutura, como a falta de serviços básicos de saúde e educação.

No entanto, a riqueza cultural e a resiliência dos Kalunga se destacam, com práticas tradicionais como a Folia de Reis e a produção artesanal, que não só preservam a identidade cultural, mas também oferecem uma fonte de renda para os moradores. Essas tradições, transmitidas de geração em geração, fortalecem os laços comunitários e a resistência cultural diante das adversidades.

Figura 5: Casa na comunidade Kalunga Vão de Almas



Fonte: Disponível em<
https://www.nationalgeographicbrasil.com/video/tv/o-que-voce-fazimporta-world-jump?im age=D85_2173> Acesso em 10 de jan. 2023.

Há muitos rios que cortam a comunidade fornecendo suas riquezas. O cerrado é nativo e possui vários tipos de vegetação. As casas são construídas com materiais da própria comunidade. Além de toda essa descrição geográfica da localidade, a comunidade tem muita riqueza cultural. Entre essas riquezas, podemos contemplar as Folias, que cada vez mais vêm trazendo alegrias para os moradores e todos que ali vivem.

Figura 6: Sítio Kalunga



Fonte: Disponível em

https://www.nationalgeographicbrasil.com/video/tv/o-que-vocefaz-importa-world-jump?image=D85_2173>. Acesso em 10 de jan. 2023.

A comunidade Kalunga Vão de Almas é um importante exemplo de resistência e luta pela preservação de tradições e da cultura afrodescendente no Brasil. Diferentes autores têm destacado a importância dessa comunidade para o entendimento da história e da cultura brasileira, bem como para o debate sobre questões como a preservação do patrimônio cultural, a luta contra o racismo e a desigualdade social.

Segundo Silva (2021), a comunidade Kalunga representa um exemplo de resistência cultural, política e social frente à opressão e à marginalização a que os afrodescendentes foram submetidos ao longo da história do Brasil. Para a autora, a comunidade Kalunga é um exemplo de como as tradições e a cultura afro-brasileira podem ser preservadas e valorizadas, apesar das condições adversas em que foram desenvolvidas.

Ainda de acordo com Silva (2021), a luta da comunidade Kalunga por seus direitos e por sua identidade cultural é um exemplo para outras comunidades afrodescendentes do país, que também enfrentam desafios semelhantes. A preservação das tradições e da cultura afro-brasileira, segundo a autora, é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Figura 7: Vaqueiro no Sítio Kalunga



Fonte: Disponível em https://www.nationalgeographicbrasil.com/video/tv/oque-voce-faz-importa-world-jump?image=D85_2173> Acesso em 10 de jan. 2023.

Para Almeida (2015), a comunidade Kalunga representa um importante patrimônio cultural do Brasil, que precisa ser preservado e valorizado. O autor destaca a riqueza da cultura Kalunga, que envolve práticas como a capoeira, a culinária, a

religiosidade e a música. Além disso, o autor ressalta a importância da luta da comunidade por seus direitos e pela preservação de sua identidade cultural, em um contexto de constantes ameaças e pressões por parte da sociedade majoritária.

Figura 8: Império Kalunga



Fonte: Disponível em <https://www.nationalgeographicbrasil.com/video/tv/oque-voce-faz-importa-world-jump?image=D85_2173> Acesso em 10 de jan. 2023.

Como se vê, a comunidade Kalunga Vão de Almas representa um importante exemplo de resistência e de luta pela preservação da cultura afrodescendente no Brasil. Além disso, a comunidade é importante não só para o entendimento da história e da cultura brasileira, bem como para o debate sobre questões como a preservação do patrimônio cultural, a luta contra o racismo e a desigualdade social.

Atualmente na comunidade Kalunga Vão de Almas há várias pessoas com conhecimento acadêmico. Há 15 anos não havia ninguém com formação superior. Até o presente momento cerca de 80% dos jovens estão nas Universidades graças ao curso de Licenciatura em Educação do Campo que vem transformando a vida de milhares de pessoas que não tinham a oportunidade de entrar na Universidade. A maior parte desses jovens estão cursando ensino superior na Universidade de Brasília (UnB), outros na Universidade Federal do Tocantins (UFT), com habilitação em artes e música e alguns na Universidade Federal de Goiás (UFG). Isso graças à luta dos movimentos sociais, lideranças e instituições, políticas públicas de acesso às universidades públicas. Essa inclusão social e digital faz muita diferença em nossas vidas. Isso dá um grande impacto de forma positiva na educação, melhorando a aprendizagem dos alunos que aqui estudam.

4.2 Processo histórico da comunidade Kalunga

Em 1500, quando os colonizadores (exploradores) descobriram a nova colônia, que chamamos de Brasil, passou-se a explorar o pau-brasil que estava em alta na Europa, por causa do licor para o tingimento de tecidos. No início, houve uma relação amigável com os nativos (índios) que já habitavam a colônia, trocando suas forças de trabalho por alguns utensílios. Cada vez mais os portugueses queriam aumentar a exploração da economia brasileira, e quando os nativos recusaram a não mais ceder sua força de trabalho, foram agredidos e passaram a ser escravizados. Antes de chegar os novos imigrantes, a natureza era intacta, pois os índios sobreviviam da pesca e da caça, ou seja, não era corrompido pela sociedade, representava o homem não capitalista, que apenas cuidava do seu habitat preservando os bens naturais.

A partir do momento em que recusaram a troca de serviços, os nativos foram brutalmente escravizados, sendo obrigados a trabalhar, retirando madeiras das matas. Houve uma intensa guerra entre brancos e indígenas, muitos morreram, outros foram contaminados devido ao contato com os brancos, outros fugiram; com isso houve um declínio da população indígena. O custo de captura de um nativo era alto, pois ele conhecia muito bem as florestas e era quase impossível de ser recapturado.

O licor do pau-brasil já não estava mais em alta na Europa. O auge já era a agricultura e eles precisavam de uma mão de obra para substituir o trabalho indígena. Foram à África e trouxeram os africanos para trabalhar na agricultura de cana de açúcar e do café. Muitas crianças foram arrancadas dos braços de suas mães, como se fossem animais, houve então o tráfico negreiro que durou décadas. Muitos dos escravos não aguentavam a trajetória e acabavam morrendo pelo caminho, pois viajam nos porões dos navios.

Ao chegar em terra brasileira, separados de seus grupos, para dificultar a interação, os negros eram obrigados a esquecer as suas línguas de origem e cultura, passando a usar a língua dos brancos e a se adaptar à nova cultura. Eram marcados com a marca dos seus donos para serem reconhecidos em caso de fugas. E, assim, se deu a origem dos povos brasileiros, uma miscigenação, mistura de vários povos, africanos, indígenas, holandeses e portugueses, para habitar na colônia e construir uma nação.

Quando houve a queda da agricultura, começou a procura por minérios, ocasião em que muitos negros conseguiram fugir e organizar quilombos de refúgios e

de combate. Nos quilombos de refúgios ficavam as crianças, os idosos, mulheres gestantes e deficientes, ou seja, aqueles que não davam de lutar e nos quilombos de combates ficavam os homens para lutar e evitar o massacre dos negros.

Diante disso, podemos compreender a origem da comunidade Kalunga Vão de Almas, localizada na Chapada dos Veadeiros, no município de Cavalcante-GO. Isso tudo explica o porquê que nossos antepassados terem escolhido um lugar de difícil acesso: para nunca mais voltar ao trabalho árduo, ao tratamento desumano e degradante a que eram submetidos, o que podemos chamar de injustiça social.

4.3 Folia de Reis: tradição no Vão de Almas

Segundo Alves-Cândido (2009), a Folia de Reis já era uma forma de manifestação cultural em toda a Península Ibérica, e teria sido introduzida pelos colonizadores portugueses no século XVI, como um instrumento pedagógico dos jesuítas, crenças divinas para catequizar os índios e depois os escravos.

A Folia de Reis na comunidade Vão de Almas acontece do dia 01 ao dia 06 de janeiro. Os Reis Magos são os primeiros santos a girar. O encarregado convida os foliões e, por volta das 17 horas do dia 01, os convidados. O festeiro começa a soltar foguetes anunciando que a festa está prestes a começar. Por volta das 18 horas, começa a colocar a bandeira no mastro (pequena vara de pau). O alferes pega a bandeira, o caixeiro começa a troar a caixa (quem toca a caixa), o guia afina a viola, o contraguiá se posiciona e começa o ensaio. Após terminar o ensaio, os foliões e companhia saem para o giro.

A primeira casa a girar é sempre a do lado de cima, pois, segundo os mais velhos, a folia não pode sair descendo. Os foliões chegam às casas em silêncio, comunicando através de assobios ou cochichos (falar bem baixo). Após isso, começa o canto dizendo: *“Ôh de casa ou de fora, boa noite morador. Eu andei, não a girei, chegada de vosso Reis.”* O contraguiá responde: *“É chegada de vosso Reis e alegremente cantando, convidando para a festa de entrada do novo ano etc. Quando o sol estiver raiando, é hora do pouso.”* E no canto já diz: *“Santo Reis com seus carneiros em sua casa hoje veio pousar, está pedindo um agasalho de uma noite para um dia etc.”* Em todas as casas, quando termina o canto, tem uma pequena sussa

com a cantiga. *“A dona da casa é boa, que dá a garrafa de pinga com guaraná. Bonito é o Reis, eu vou girar. Ei, a primeira festa do ano é o Divino Santo Reis.”* O dono da casa pega a bandeira, leva para dentro e guarda. No dia seguinte, por volta das 17 horas, todos os foliões pegam seus cavalos, arreiam e, depois que o sol se põe, cantam a despedida e prosseguem o giro. Começa a despedida dizendo: *“Pelo nome de Deus Pai fizemos o sinal da cruz, essa sua delicadeza na saída de Jesus. Na saída de, na saída de Jesus, não se benze com arruaio, vai buscar o sacramento para pagar seu agasalho.”*

Todo ano, no dia 06 de janeiro, é dia do arremate. Antes de arrematar, todos os foliões pedem perdão e depois chegam na casa, onde as pessoas já estão aguardando para assistir ao arremate. Depois do arremate, rezam, em seguida vão servir a comida e, após servir a comida, rezam o bendito de mesa. Quando termina o bendito de mesa, tem uma sussa e, finalmente, o momento de festejar.

Figura 9: Artefatos culturais utilizados na Folia de Reis



Fonte: O autor, 2024.

4.3.1 Canto da Folia de Reis:

O Canto da Folia de Reis é uma expressão cultural e religiosa que faz parte das tradições populares brasileiras, especialmente nas comunidades quilombolas. Esse canto é entoado durante as celebrações da Folia de Reis, uma festividade que celebra a visita dos Reis Magos ao menino Jesus. Através do canto, a comunidade expressa sua fé, reverência e pedidos de bênçãos para o novo ano. Neste parágrafo, analisaremos a simbologia, a estrutura e a importância desse canto no contexto da cultura quilombola.

Dia três de janeiro, chegada de vosso Rei, e chegada de vosso Rei, e alegremente cantando, convidando para a festa de entrada do novo ano. E boa noite morador, Santo Reis que veio dizendo no princípio do terreiro: "Sua casa veio benzendo, e sua casa veio benzendo para este senhor entrar, e veio saudar o dono e a casa no lugar onde está. E tão de longe que ele vem, cortando o vento nas asas, veio trazendo vida e saúde para o dono da casa. Santo Reis, filho de Nossa Senhora, ele é diferente dos outros. Todo Santo gira de dia, Santo Reis é só de noite, e Santo Reis gira à noite porque Deus deu a licença. Ele desceu do céu para terra cumprindo uma penitência. Ele já vem girando com prazer e alegria numa alegre hora para vir lhe dar bom dia, e nessa hora encontrou a Divindade, uma para girar o mundo e a outra no colo da verdade. E por detrás de uma cabana, nove estrelas separou. Nasceu Reis, dia de ano, na terra ressuscitou. Escutei a caixa bater, fui apanhar meu feixe de lenha. Estou esperando a resposta que da sua boca vem. Nossa Senhora tão alegre que chegamos em silêncio, é o Divino Santo Reis que vos visita. O Santo Reis vem girando dentro dessa mata, saia fora e venha ver a chegada de Jesus. E quando der sua boa esmola, dê logo e dê já. A noite é pequenininha, temos muito que girar. E quando der a boa esmola, não dê com a mão fechada, porque o pouco com Deus é muito e o muito sem Deus é nada. O Santo Reis pede esmola e põe nós para receber. Ele pede cá na terra, no céu vai agradecer. O Santo Reis pede esmola, mas não é com precisão, ele pede para saber quem dá de bom coração. Ó Deus vos salve morada alegre e morada de Jesus Cristo, e abra vossos corações para Jesus ficar contrito. E senhora dona da casa, esteja ciente nessa hora, quem primeiro andou no mundo foi Deus e Nossa Senhora. Ó Deus lhe salve essa casa e o dono que nela mora, nela viva muitos anos, senhor com sua senhora. Ó Deus vos pague casa santa onde Jesus fez a morada, onde moram os três apóstolos e a horta consagrada. E bem na frente da bandeira tem uma rosa enfolhada, e veio saudando essa família, filhos e netos acompanhados. Filhos e netos acompanhados, esteja ciente nessa hora, quem primeiro fez o canto foi Deus e Nossa Senhora. Foi Deus e Nossa Senhora para viver bem no mundo. Com Deus e Nossa Senhora tem um mistério profundo. E lá no céu correu uma estrela e o risco correu no chão. Para cantar, peço licença e salve Deus meu folião. Salve Deus meu folião, já está chegando a hora, já chegaram seus companheiros, meu guia de viola. Salve Deus meu folião, cada qual com seu saber, que serve para vosso pai naquele maior prazer. Salve Deus meu folião, que é filho de Nossa Senhora, com seu cavalo arreado, arruma e vamos embora. Salve Deus meu folião, reunido com sua família. Santo Reis com seu carneiro, que é nosso pai que nos cria. E que presença tão bonita da mulher com seu marido, bem na frente da bandeira, na presença os dois unidos. A família reunida

cheira flor de melancia, parecendo a estrela d'alva quando vem romper o dia. Meus anjos pequeninos são flor de um cravo branco, como estão tão bonitinhos na frente do Espírito Santo. E reunir os corações para receber o canto, para receber a benção deste milagroso Santo. E Santo Reis vem girando e tão de longe vem ouvindo e vem pedindo boa esmola. Quando Jesus menino nasceu, até hoje ainda me lembro, foi em uma noite consagrada, 25 de dezembro. 25 de dezembro, meianoite deu sinal. Menino Jesus nasceu numa noite de Natal. E Deus te cobre com a bandeira, e ajoelhar na terra fria, ajoelhar e beijar o retrato que é nosso pai quem nos cria. Senhora dona da casa, abre a porta e acende a luz, saia fora e venha ver a chegada de Jesus. Senhora dona da casa, luz acesa, saia fora e venha receber o Reis, filho de Nossa Senhora. Quatro partes que tem no mundo, as mesmas quatro tem numa cruz. Com os poderes dos três Reis Magnos, a casa encheu de luz. Santo Reis chegou agora e tão de longe vem ouvindo, retratado na bandeira, boa esmola vem pedindo. E quando der sua boa esmola, dê com a mão direita e de boa vontade. Lá no céu, Deus agradece. Lá no céu tem alegria, aqui na terra também. Glória pai e glória filho, nas horas de Deus amém. Já saudamos o povo todo e vamos terminar o canto. Primeiro é o sinal da cruz e o derradeiro é o Espírito Santo. Quantos dias nós andemos, cadê a coisinha que nós ganhamos? Cala a boca, não diga nada, aqui não tem leite, então me dê coalhada.

O Canto da Folia de Reis inicia-se com a saudação e o anúncio da chegada dos Reis Magos, simbolizando a visita dos reis ao menino Jesus. A repetição de frases como "chegada de vosso Rei" e "alegremente cantando, convidando para a festa de entrada do novo ano" enfatiza a alegria e a celebração que a ocasião representa. Segundo Marcuschi (2008), a oralidade é uma característica marcante das culturas tradicionais, e a repetição é uma técnica utilizada para reforçar a mensagem e facilitar a memorização.

A estrutura do canto é rica em simbolismos religiosos e culturais. A referência a Santo Reis como filho de Nossa Senhora e a sua distinção dos outros santos que giram durante o dia, enquanto Santo Reis gira à noite, indica uma ligação especial entre a festividade e as práticas religiosas da comunidade. Conforme Bourdieu (2001), os rituais e práticas culturais refletem as estruturas sociais e as relações de poder dentro de uma comunidade. No caso da Folia de Reis, o canto reforça a coesão social e a identidade cultural dos participantes.

Além disso, o canto contém elementos de pedidos e agradecimentos, como quando os foliões pedem esmola com a frase "quando der sua boa esmola, não dê com a mão fechada, porque o pouco com Deus é muito e o muito sem Deus é nada". Esta passagem ilustra a interdependência entre os membros da comunidade e a importância da generosidade. Segundo Geertz (1989), os rituais simbólicos são

fundamentais para a manutenção da cultura e da moralidade dentro de uma sociedade, servindo como uma forma de comunicação e reforço de valores coletivos.

4.3.2 Despedida da Folia de Reis

A Despedida da Folia de Reis marca o encerramento das festividades, um momento de reflexão e agradecimento pelas bênçãos recebidas. Este canto finaliza as celebrações com uma despedida solene, reafirmando os laços comunitários e a fé religiosa. Na análise a seguir, exploraremos os aspectos culturais e sociais expressos nesse canto.

Pelo nome de Deus Pai, fizemos o sinal da cruz, fizemos o sinal da cruz. E esta é a delicadeza na saída de Jesus, na saída de Jesus. E na saída de Jesus resplandeceu uma claridade, resplandeceu uma claridade. E pelo Santo da Santíssima Trindade, da Santíssima Trindade. Às 07 horas, o sol nasce, logo assim o dia amanheceu, logo assim o dia amanheceu. E na saída de Jesus, o mundo de luz encheu, e o mundo de luz encheu. E o mundo de luz encheu, iluminou logo profundamente, iluminou logo profundamente, resplandeceu a claridade nas quatro partes do mundo, nas quatro partes do mundo. Meu Senhor vai-se embora muito cedo com arruaio, muito cedo com arruaio. Vai buscar o sacramento para pagar seu agasalho, para pagar seu agasalho. E para pagar seu agasalho e também pela vossa mesa, também pela vossa mesa. Meu Senhor Santo Reis, quem lhe paga sua despesa, quem lhe paga sua despesa. E quando der por elas todas, dê de bom coração, dê de bom coração. E que dê para este senhor alferes e foliões, alferes e foliões. E abençoada seja a mão que essa mesa preparou, que essa mesa preparou. E deve ser recompensado na luz do Divino amor, na luz do Divino amor. E na luz do Divino amor com sua nobre geração, com sua nobre geração. E dê aumento na lavoura e renda em suas criações, renda em suas criações. E renda em suas criações é um mistério tão fino, é um mistério tão fino. Mas ele já vai-se embora, já está se despedindo, já está se despedindo. E despedida, despedida de São Francisco, despedida de São Francisco. E despedindo do povo todo, fica todos na paz de Cristo, fica todos na paz de Cristo. E despedida, despedida por esse ano, despedida por esse ano. E de uma noite do começo que o senhor vem girando, que o senhor vem girando. E todo povo que veio no pouso, Deus que faça uma boa viagem, Deus que faça uma boa viagem. E meu Senhor Pai Eterno, leva em suas casas em paz, leva em suas casas em paz. E senhor dono da despesa, sua ocasião chegou, sua ocasião chegou. E fica logo retratado na luz do Divino amor, na luz do Divino amor. E três palavras dessa virgem: "E que nasceu Jesus menino, e que nasceu Jesus menino". E veio no braço de uma rosa e o sacramento é o Divino, e o sacramento é o Divino. E nasce, cresce laranjeira, enverdece e põe botão, enverdece e põe botão. E lá na glória cantam os anjos e na terra nós foliões, e na terra nós foliões. E nasce e cresce laranjeira, enverdece e põe a flor, enverdece e põe a flor. Aonde os canarinhos cantam aleluia do Senhor, aleluia do Senhor. E clareou seu

mundo em roda e respondeu foi nesse centro, respondeu foi nesse centro. E lá na frente da bandeira ajoelha toda gente, ajoelha toda gente. E Deus te cobre com a bandeira, a bandeira é quem te cobre, a bandeira é quem te cobre.

Leva seu joelho na terra, receba a misericórdia, receba a misericórdia. E fiz um bem repartido, cada qual em seu lugar, cada qual em seu lugar. E pega o mastro da bandeira para nosso alferes beijar, para nosso alferes beijar. E beija, beija meu alferes com virtude no coração, com virtude no coração. E beija o retrato real que é nosso pai de bênção, que é nosso pai de bênção. E todo povo já beijou, ficou nós por derradeiro, ficou nós por derradeiro. E meu bilisco, meu alferes, cobre nós com a bandeira, cobre nós com a bandeira. E aí, feliz folião, estamos em boa ocasião, estamos em boa ocasião. E algum erro que eu fiz, de joelho peço perdão, de joelho peço perdão. Peço perdão de boca, muito mais de coração, muito mais de coração. E queremos ser perdoados por essa rica invocação, por essa rica invocação. Por essa rica invocação queremos ser perdoados, queremos ser perdoados. Eu quero que vós perdoe por essa rica majestade, por essa rica majestade. E meu Divino, você me batiza com sua sagrada mão, com sua sagrada mão. E já estão todos batizados nas águas do rio Jordão, nas águas do rio Jordão. E vala minhas ricas imagens, cada qual com sua virtude, cada qual com sua virtude. E eu peço por elas todas ano de vida e saúde, ano de vida e saúde. E meu Senhor tomou voo, perdoou nesse momento, perdoou nesse momento. Perdoando os pecadores e também os anjinhos inocentes, e também os anjinhos inocentes. Mas ele tornou alvorar, foi correr o seu sertão, foi correr o seu sertão. E leva o alferes no bico, nas asas nós foliões, nas asas nós foliões. Mas ele tornou alvorar, cortando o vento nas asas, cortando o vento nas asas. Perdoando os foliões e também o dono da casa, também o dono da casa. E ele tornou alvorar para Lapinha de Belém, para Lapinha de Belém. E pai, filho, Espírito Santo, nas horas de Deus amém, nas horas de Deus amém. Viva meu senhor Santo Reis, viva!

A Despedida da Folia de Reis começa com uma invocação a Deus, enfatizando a dimensão sagrada do ritual. A repetição do "sinal da cruz" simboliza proteção e bênção divina para todos os presentes. Segundo Elias (1992), os rituais religiosos são formas de reencontrar o sagrado no cotidiano, criando um elo entre o divino e a comunidade. A claridade que resplandece na saída de Jesus é uma metáfora para a luz e a esperança que a fé traz para os fiéis.

O canto segue com pedidos de bênçãos e agradecimentos, onde se destaca a frase "E deve ser recompensado na luz do Divino amor". Este trecho ilustra a reciprocidade e a gratidão, valores essenciais nas relações sociais das comunidades quilombolas. Conforme Mauss (2003), o princípio da dádiva, que envolve troca de presentes e favores, é fundamental para a coesão social e a construção de redes de solidariedade.

Finalmente, a despedida reafirma a fé na proteção divina e na continuidade das tradições. A expressão "nas horas de Deus amém" encerra o canto com uma súplica

pela paz e pela bênção de Deus sobre todos. Segundo Durkheim (2008), os rituais são essenciais para a manutenção da ordem social e a integração dos indivíduos na comunidade. No contexto da Folia de Reis, a despedida reforça a identidade cultural e a união dos participantes, garantindo a transmissão das tradições para as futuras gerações.

4.3.4 A Multimodalidade e Significados na Folia de Reis

Como as palavras têm seus significados, as imagens também têm. As imagens são vistas através da nossa visão, e ao ver, imaginamos. Temos a imagem perceptual e imagens mentais (Pinheiro, 2020); a primeira é aquela que vemos através de nossa percepção da visão, o que vemos com nossos próprios olhos. Já as imagens mentais são coisas que vemos em nossa mente, aquilo que imaginamos. Diante disso, podemos afirmar que os instrumentos usados na Folia de Reis são imagens perceptuais, ou seja, podemos partilhar das mesmas coisas por meio da escrita e da imagem. A linguagem verbal e não-verbal complementa uma à outra e, por meio da psicologia da percepção, podemos perceber a diversidade e as semelhanças ao construir esta multimodalidade.

Na Folia, as cores e imagens têm seus significados que são expressos por sentimentos. Essas ferramentas fazem parte da cognição humana, e a cultura nos ajuda a ver de forma diferente, com equidade e seus significados. Cada indivíduo inserido em uma comunidade tem sua forma particular de ver, pensar, agir, manifestar; vemos as coisas antes de escrever. Quando estamos falando de imagens mentais, estamos falando de memórias e, ao falar de memórias, lembramos dos acontecimentos passados. Nas entrevistas feitas, os entrevistados relembram como era a Folia de Reis antigamente, de pessoas que já se foram e ficaram somente na memória. Já o exemplo de imagens perceptuais é de como a Folia de Reis está hoje, visto que ela acontece no presente. Ao imaginar, estamos usando as imagens mentais que, a partir delas, criamos nossas utopias e liberdade de mundo.

Ao olharmos as bandeiras da Folia de Reis, estamos fazendo uma comunicação visual, pois elas foram feitas para comunicar um significado com outras pessoas de crença e saberes. Ao ver a imagem, interpretamos e levamos nossa imaginação à nossa crença. A bandeira tem uma linguagem híbrida: as cores, a imagem dos três Reis Magos e palavras escritas.

A Folia de Reis enquadra os significados gestual e tátil. O primeiro acontece por proximidades e movimentos. Na hora de fazer os ensaios, canto, rezar o bendito de mesa, todos estão próximos; aliás, a todo momento na Folia. Quando vão cantar curraleira, rezar bendito de mesa e fazer o canto, todos estão em constante movimento. O tátil acontece na Folia quando eles vão tocar os instrumentos, pois captura a interação com os objetos. O gestual acontece na hora que estão cantando uma curraleira, corrida (que tem sapateado e trocas de lugares), pois fazem o uso das expressões corporais e faciais. Sapateados como em catiras, girando para um lado e outro, formando um grande círculo, cada sapateado uma batida no pandeiro e uma troada na caixa. Nesses movimentos, podemos perceber sorrisos, troca de olhares, gesticulações indicando para onde ir.

O alferes é o gerente da Folia e seu vestuário é diferente dos demais foliões, pois este usa terno e gravata. Na Folia, são usados os instrumentos caixa, pandeiro e viola. O primeiro objeto tem formato de um cilindro, as laterais feitas de madeira e a frente e o verso de couro de veado para dar som ao instrumento. No fundo da caixa, além do couro, tem um objeto retirado de pena de galinha para ficar afinado. Tem as cordas nas laterais para ajustar o som e um pequeno pedaço de pau para regular. Toca-se o instrumento com dois paus chamados de "cambito" para tocar. Pega-se um com a mão direita e o outro com a mão esquerda. O tocador desse instrumento é chamado de "caixeiro". No canto é um ritmo, na curraleira, outro, na sussa, outro, no bendito, outro, etc. O pandeiro tem o formato de uma circunferência. É puxado com couro de veado e o arco feito de um pau específico. As laterais da madeira são furadas para colocar os "xengos" (retirados de pilhade lanterna, rádio, etc.), instrumentos usados em outras culturas para tocar, por exemplo, o samba, a capoeira, entre outros.

A viola é o instrumento usado por artistas musicais e por guias de Folia que afinam seu instrumento de acordo com o canto. Com seus instrumentos afinados e visíveis, os foliões se posicionam para suas interações locais e globais, a fim de afirmar seus universos de significados. Alguns com instrumentos mais esteticamente produzidos para celebrar suas crenças. A cada passo, uma postura para interação de seus significados individuais e sociais. Na hora do canto é um momento de sinceridade, de tristeza e felicidade. Os foliões e o recebedor(a), com posturas sinceras, levam seus pensamentos a Deus ou a algum familiar que faleceu. E outros estão felizes por estarem ali presentes e com saúde.

Na hora da curraleira, podemos ver o humor e sarcasmos. Muitos foliões retiram as curraleiras de outros foliões. Por meio da audição (significados sonoros), podemos ouvir os sons dos instrumentos, as vozes afiadas, desafinadas e rimas. Por meio da comunicação sonora, ouvimos a batida da caixa, o tom do pandeiro e o pontilhado da viola e os agudos das vozes. Todo devoto, ao ouvir, sabe se estão cantando “curraleira”, se é “bendito”, se é “sussa”, se é “corrida” ou se estão fazendo o canto. Percebemos, assim, ritmo, entonação, pausa, felicidade, tristeza, início, meio e fim.

Figura 10: Curraleira Kalunga em Vão de Almas



Fonte: Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Z4rbnrOSZuE>. Acesso em: 20 de mai. 2024.

Neste Capítulo, exploramos as origens históricas e culturais da comunidade Kalunga do Vão de Almas, situada na região nordeste de Goiás. Através do levantamento das dificuldades geográficas e infraestruturais enfrentadas pela comunidade, destacamos a resiliência e a riqueza cultural dos Kalungas, que se expressa em práticas tradicionais como a Folia de Reis. Discutimos como essas tradições não só preservam a identidade cultural, mas também oferecem uma fonte de renda e fortalecem os laços comunitários. Além disso, analisamos a importância da educação e do acesso ao ensino superior como fatores transformadores na vida dos jovens Kalungas, promovendo uma inclusão social significativa.

QUINTO APITO:

DESVELANDO SABERES

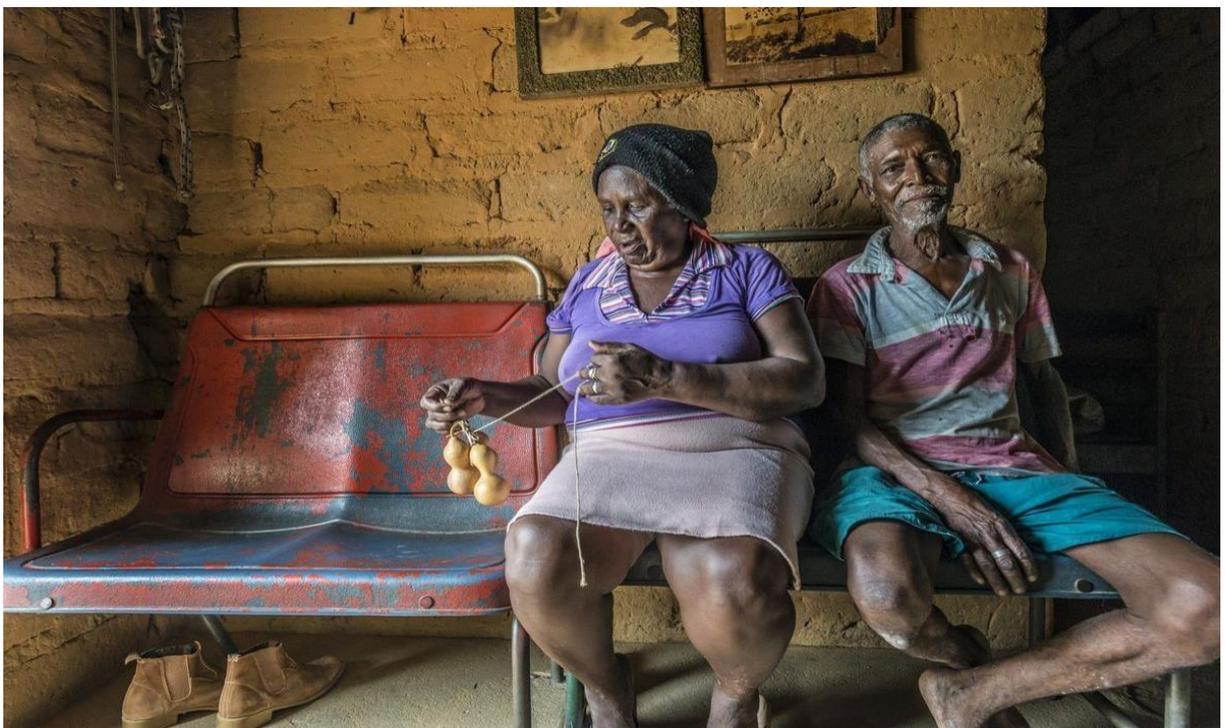
Vozes dos letramentos

*Nas letras, vidas se constroem,
Com palavras, pontes se erguem.*

*Letramento, voz da identidade,
Ecoando em cada diversidade.*

Erildo Fernandes de Souza

Figura 11: Homem e mulher quilombola em casa tradicional - Comunidade Kalunga



Fonte: Disponível em

https://www.nationalgeographicbrasil.com/photography/2018/09/esta-comunidade-quilombola-resiste-isolada-no-coracao-do-cerrado-ha-quase-300?image=DJI_0330. Acesso em 20 de mai. 2024.

Neste Capítulo, discutiremos acerca dos Novos Estudos do Letramento, uma abordagem teórica e metodológica que busca compreender as práticas de letramento em diversos contextos e suas implicações na construção de identidades, no exercício de poder e nas desigualdades sociais. Analisaremos as contribuições desses estudiosos e como suas teorias e pesquisas elucidam a complexidade das práticas de letramento e sua relação com os contextos sociais e culturais.

5.1. Novos Estudos do Letramento

Os Novos Estudos do Letramento representam uma abordagem teórica e metodológica que tem se mostrado relevante para o entendimento do papel das práticas de letramento na construção de identidades e no desenvolvimento de habilidades linguísticas. Nessa perspectiva, autores como Street (2014), Rojo (2012) e Kleiman (1985) têm contribuído de forma significativa para o desenvolvimento e a disseminação desse campo de estudos, oferecendo importantes reflexões sobre como o letramento é vivenciado e praticado na sociedade contemporânea

Street (2014) argumenta que o letramento deve ser entendido como uma prática socialmente situada e historicamente construída, que envolve habilidades e competências específicas, mas que também está relacionado ao contexto social e cultural em que é realizado. Nesse sentido, a análise das práticas de letramento pode revelar questões relativas a poder, desigualdade, inclusão e exclusão.

Rojo (2012), por sua vez, destaca a importância de se considerar as práticas de letramento em diferentes contextos, tais como o escolar, o familiar, o comunitário e o digital. A autora enfatiza que as práticas de letramento são plurais e dinâmicas, e que a análise delas pode contribuir para a compreensão dos processos de construção de identidades e das relações de poder em diferentes contextos.

Kleiman (1995) argumenta que o letramento não deve ser entendido apenas como um conjunto de habilidades técnicas, mas como uma prática social que envolve a construção de significados e de identidades. A autora destaca a importância da análise dos processos de letramento na construção de representações sociais e culturais, bem como no desenvolvimento de habilidades de comunicação e de pensamento crítico.

Em síntese, os Novos Estudos do Letramento representam uma abordagem teórica e metodológica que busca entender as práticas de letramento em diferentes contextos e sua relação com a construção de identidades, poder e desigualdade.

Na comunidade Kalunga Vão de Almas, as pessoas mais velhas aprenderam a ler e escrever por conta própria para suprir suas necessidades. No dia 20 de agosto de 2023, em uma conversa espontânea, um senhor de 68 anos contou como aprendeu a ler e escrever naquela época. Ele ia dormir na casa de pessoas da comunidade que sabiam ler e escrever, e durante o dia, trabalhava em sua roça. Aprendeu o alfabeto

em um único dia, motivado pela vontade de poder dizer "eu sei ler". O que o incentivou a buscar a escrita e a leitura foi uma experiência em uma festa, onde todos que sabiam ler e escrever andavam com uma caneta e uma caderneta na algibeira. Um escrevia e passava para o outro até chegar nele, mas como ele não sabia ler, não entendia sobre o que os outros estavam falando.

Ele relatou que, após aprender o alfabeto, foi à cidade e comprou um livro para continuar seus estudos. Seu maior sonho era poder dar continuidade à sua educação, e até hoje guarda seu livro em uma mala dos seus ancestrais. As quatro operações de matemática eram ensinadas com caroços de milho e feijão, permitindo-lhe aprender a contar, dividir, somar, subtrair e multiplicar. Fiquei surpreso ao saber que ele já leu os livros escritos sobre os Kalunga: "De manhã e à tarde, sento à sombra de uma árvore e leio".

Comunicamos com as pessoas através da fala, gestos e expressões. Cada grupo reconhece a linguagem do seu grupo. Ao ver e pensar, construímos mensagens para nossa comunicação. Ao lidar com novos tipos de pessoas, estamos aptos a aprender novas culturas e novas linguagens, devido ao modo divergente de pensarmos e refletirmos em um contexto de constantes mudanças e dinamismo.

O conceito de letramentos no plural refere-se a sujeitos flexíveis, capazes de ver as coisas de várias perspectivas, navegando nas mudanças, entendendo a diversidade, a cultura, e atuando como construtores de significados e participantes de uma vasta gama de formas de comunicação.

5.2 Gêneros discursivos (textuais)

Gêneros textuais são fenômenos históricos da vida cultural e social que estabelecem atividades comunicativas do dia a dia. Podemos destacar também que gêneros textuais são textos orais que possuem funções sociais, servindo de interação entre as pessoas. O estudo dos gêneros discursivos começou com Bakhtin (Souza, 2006). Com os avanços tecnológicos, novos gêneros surgem constantemente, lembrando que eles são inúmeros e infinitos, e em todos os momentos de nossas vidas utilizamos esses gêneros.

Charles Bazerman (2009) destaca que o conceito de gênero é essencial e está intrinsecamente ligado às mudanças culturais e sociais. Os gêneros são reconhecidos universalmente pelas pessoas em qualquer lugar e desempenham um papel social

crucial. Eles ajudam no desenvolvimento do indivíduo, proporcionando novas realidades e contribuindo para que possamos compreender melhor seus funcionamentos dentro do sistema de gêneros. Segundo Bazerman, os gêneros textuais são fenômenos de reconhecimento psicossocial que fazem parte de processos de atividades socialmente organizadas (Bazerman, 2009, p. 31).

De acordo com Charles Bazerman, os gêneros são definidos e compreendidos pelas pessoas ao longo do tempo, através de nomeações:

[...] identificar gênero historicamente conduz o conceito de gênero de um fato essencial que reside nos textos a um fato social, real, na medida em que as pessoas o tomam como real e na medida em que essa realidade sociopsicológica influi na sua compreensão e no seu comportamento, dentro da situação como ela a percebe (Bazerman, 2009, p. 50)

Gêneros textuais são, na verdade, as estruturas que nos ajudam a analisar, compreender e entender os textos, isto é, a família de gêneros. Os gêneros são conjuntos de organização da sociedade que formam um sistema, estabelecendo uma rede. A rede é formada por formas comunicativas que se juntam aos seus mecanismos e formam um conjunto de gêneros, sendo estes orais ou escritos, identificados pelas suas características, funções e para quem são direcionados.

Gêneros textuais são processos linguísticos em prática social, fornecendo os processos comunicativos que organizam as formas e etapas dos discursos que analisam textos e descrevem a língua, tendo uma visão da sociedade. O discurso é a interação entre linguagem e sociedade em ação, fazendo o uso da língua e ajudando nas necessidades dos seres humanos. Os gêneros são inúmeros, mas os tipos não passam de seis: narrativo, descritivo, dissertativo, injuntivo, preditivo e dialogal. A tipologia da folia é narrativa.

Marcuschi (2008, p. 84) afirma que “entre o discurso e o texto está o gênero, que é aqui visto como prática social e prática textual-discursiva”. O discurso é uma atividade universal que todos usam no dia a dia, e o texto como uma atividade observável. Com tudo isso, surgem os gêneros como modelos que ocorrem no momento histórico-social e circulam na sociedade. O discurso que usamos no cotidiano inicia-se com um gênero. Os gêneros já são bem antigos, porém, hoje temos uma nova visão sobre eles. Anteriormente, os gêneros eram mais vinculados apenas à literatura, mas com o passar do tempo foram se modernizando e não se vinculam mais somente à literatura, mas também às práticas sociais.

Segundo Marcuschi (2008, p. 148), “a expressão ‘gênero’ vem sendo atualmente usada de maneira cada vez mais frequente e em número cada vez maior de áreas de investigação”. O gênero textual ou discursivo, querendo ou não, está sempre presente em nossas ações do cotidiano. Os estudiosos e todos nós estamos cada dia mais interessados em aprender. Com tudo isso, os gêneros passam a ser relevantes porque o discurso é uma descrição da língua, fazendo com que tenhamos uma nova visão da sociedade, e ele é uma forma de ação social. “Eles são um ‘artefato cultural’ importante como parte integrante da estrutura comunicativa de nossa sociedade” (Marcuschi, 2008, p. 149). Como afirma esse autor, os gêneros são estruturas que possibilitam nossa comunicação perante a sociedade e cultivamos isso todos os dias.

Gênero textual refere-se aos textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos, definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na interação de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas (Marcuschi, 2008, p. 155). Podemos dizer que, ao nos comunicar verbalmente, estamos utilizando algum gênero. Nesse sentido, identificamos em nossa comunidade, especialmente nos eventos religiosos, os gêneros que se manifestam no território Kalunga e compõem a cultura e a identidade dos sujeitos camponeses.

5.3 Tipologia Textual

Em relação à tipologia textual, Marcuschi nos diz que:

Para ter clara a questão relativa à inserção de sequências tipológicas (os modos textuais) subjacentes à organização interna do gênero, isto serve para comprovar que os gêneros não são opostos aos tipos e que ambos não formam uma dicotomia, mas sim são complementares e integrados (Marcuschi, 2008, p. 156).

Cada parte dos gêneros forma as tipologias. Podemos dizer, metaforicamente, que as casas da comunidade Kalunga Vão de Almas são um gênero textual que têm função social de abrigar uma família. Cada parte da casa, como as palhas, as paredes, as janelas e as portas, forma os tipos textuais. Assim, na concepção de Marcuschi (2008), são definidas as tipologias textuais:

- **Narrativa:** Tipo textual predominante em histórias, romances, fábulas, piadas, etc.

- **Exposição:** tipo textual predominante na exposição de ideias. Esse tipo compõe capítulos de livros, sínteses, resumos, entre outros gêneros textuais dessa modalidade.
- **Argumentação:** quando há tentativa de convencer alguém no discurso, mostrando tese, antítese e síntese. Essa tipologia se registra com frequência em monografias, redações dissertativas, teses de doutorado, resenhas, etc.
- **Injunção:** essa tipologia expressa orientação, ensinamento de como fazer algo, dever, obrigação. É encontrada em receitas, bulas, manuais, documentos de leis, legislação de trânsito, etc.
- **Descrição:** expressa percepções gerais, descrevendo características de pessoas, lugares, retratos, cardápios, anúncios, receitas culinárias, relatórios, etc.
- **Dialogal:** tipo textual predominante em conversas telefônicas, no WhatsApp, Facebook, etc.

As tipologias textuais também desempenham um papel fundamental na análise e na produção de textos em contextos educacionais. Ao reconhecer as características de cada tipo textual, os educadores podem orientar os alunos na construção de textos coerentes e coesos, além de facilitar a interpretação e a compreensão de diferentes gêneros. Por fim, a integração entre gêneros e tipologias textuais reflete a complexidade da linguagem e a diversidade de formas de comunicação presentes na sociedade. Essa perspectiva amplia a visão sobre o uso da língua, valorizando a variedade de textos

Neste Capítulo, apresentamos os Novos Estudos do Letramento, uma abordagem teórica e metodológica que visa compreender as práticas de letramento em diversos contextos e suas implicações na construção de identidades, no exercício de poder e nas desigualdades sociais.

Os Novos Estudos do Letramento destacam-se por entenderem o letramento como uma prática socialmente situada e historicamente construída. Street (2014) enfatiza que essas práticas envolvem habilidades específicas, mas também estão profundamente relacionadas aos contextos sociais e culturais em que ocorrem, revelando questões de poder e desigualdade. Rojo (2012) reforça a importância de considerar as práticas de letramento em diferentes ambientes, como escolar, familiar, comunitário e digital, destacando sua natureza plural e dinâmica. Kleiman (1995)

argumenta que o letramento vai além das habilidades técnicas, envolvendo a construção de significados e identidades, essenciais para o desenvolvimento de habilidades de comunicação e pensamento crítico.

Em conclusão, os Novos Estudos do Letramento oferecem uma visão abrangente e dinâmica das práticas de letramento, salientando sua relevância na construção de identidades e na negociação de poder e desigualdade. A análise dessas práticas em diversos contextos sociais e culturais é crucial para compreender a complexidade do letramento na sociedade contemporânea.

55

PENÚLTIMO APITO

A DINÂMICA SOCIOCULTURAL DA FOLIA DE REIS EM VÃO DE ALMAS: TRADIÇÕES E PRÁTICAS DE LETRAMENTO

Coração de Reis

*Nas noites silenciosas de luz de lua,
Os cânticos elevam a alma sua.
Com fé e tradição, giram os foliões,
Guardando no peito antigas canções.*

*Pandeiro, viola e a caixa sagrada,
Cada nota uma história, a fé celebrada.
Na casa dos devotos, a reza e a dança,
Unem corações, fortalecem a esperança.*

*Nas mudanças dos tempos, novas vozes se erguem,
Mas a essência da fé nunca se perde.
Jovens aprendem com os mais velhos a arte,
De manter viva a tradição em cada parte.*

*Assim, na Folia de Reis, a cultura resplandece,
Corações em uníssono, a comunidade enaltece.
Cada canto, cada gesto, um legado a seguir,
Na dança da vida, a tradição a persistir.*

Erildo Fernandes de Souza

Figura 12: Festividade na comunidade Kalunga Vão de Almas



Fonte: Disponível em <https://br.pinterest.com/pin/368380444493762176/> . Acesso em 20 de mai. 2024.

56

6.1 A dinâmica sociocultural da Folia de Reis

A Folia de Reis na comunidade Kalunga Vão de Almas utiliza cânticos, rezas e interações sociais específicas que revelam a dinâmica sociocultural da comunidade. Os instrumentos tradicionais, como caixa, pandeiro e viola, possuem significados culturais profundos e são elementos centrais nas celebrações. Esses elementos não apenas reforçam a identidade cultural, mas também funcionam como mecanismos de coesão social, unindo a comunidade em torno de suas tradições religiosas. A seguir, apresento aspectos da dinâmica sociocultural da Folia de Reis, ilustrados por meio das falas dos moradores da comunidade.

6.1.2 Fé e Tradição

A fé e a tradição são elementos centrais na Folia de Reis, refletindo a profundidade religiosa e cultural da comunidade Kalunga do Vão de Almas. Este aspecto é destacado pelos entrevistados, que relacionam a prática da Folia de Reis com a preservação e continuidade das tradições ancestrais. Segundo estudos, a Folia de Reis é mais do que uma manifestação folclórica; é uma expressão viva da fé e da

devoção ao Santo Reis, incorporando significados espirituais e culturais que foram transmitidos ao longo das gerações (Soares, 2021).

Entrevistado T.D: *"Folia é tradição que significa fé e cultura para nós aqui na comunidade. Primeiramente fé adoração por existir até hoje uma tradição que veio dos nossos antepassados e que estamos dando continuidade para que nossa tradição não acabe."*

Entrevistado J.C: *"Folia de Reis para mim é a comunidade e adoro muito. É a entrada do novo ano ajudando nós que trabalha e Santo Reis da nós a vida saúde e a felicidade e molhar as plantas que nós planta..."*

Entrevistado P.S: *"Eu acho importante porque essa folia já vem de muitos tempos, dos mais velhos que girava essa folia, aí dos mais velhos foi passando para os mais novos e até agora tá continuando."*

Entrevistado V.L: *"A folia de Reis para mim é nossa manifestação cultural que marca a entrada do ano novo."*

57

Entrevistado S.N: *"A folia de Reis para mim é um elemento que faz parte da cultura local néh, que desde que começou o quilombo aqui no Vão de Almas e outros quilombos também ela faz parte dessa cultura."*

A festividade, que teve início na Espanha e foi trazida para o Brasil pelos portugueses, se estabeleceu como uma tradição profundamente enraizada na cultura brasileira, especialmente nas comunidades rurais e quilombolas (Soares, 2021). A fé e a devoção aos Santos Reis são expressas através de cantos, danças e rituais que celebram a visita dos Magos ao Menino Jesus, simbolizando a continuidade da fé cristã e a resistência cultural das comunidades.

6.1.3 Mudanças na Tradição

Em Vão de Almas, as mudanças na tradição da Folia de Reis refletem tanto a adaptação cultural quanto a resistência em preservar as práticas originais. Os entrevistados observam que, ao longo do tempo, houve uma transformação significativa nas formas de celebração, especialmente com a introdução de novas

tecnologias e modos de vida modernos. Estas mudanças, por um lado, mostram a flexibilidade da tradição; por outro, geram preocupações sobre a perda de elementos essenciais da prática original (Abreu, Magno 2017; Horta, 2011).

T.D: "A folia de Reis de antigamente para hoje tem muita diferença... antigamente girava todos a cavalo no maior silêncio da noite... hoje mudou bastante alguns vão a cavalo, outros de moto, carro. Muita luzes as pessoas não fazem mais silêncio..."

J.C: "A folia de Reis mudou muito porque de primeiro era só folião velho, ai os velhos vão acabando e os mais novos não querem aprende."

P.S: "A folia de Reis antigamente ela era mais organizada... hoje quando a folia de Reis evem o dono da casa já vê que o povo hoje é com um barulho é com moto essas coisas."

V.L: "Antigamente a folia de Reis era mais vamos dizer organizada néh, ela pegava as pessoas mais dormindo porque ela gira a noite."

As transformações nas festividades da Folia de Reis podem ser vistas como parte de um processo mais amplo de patrimonialização e modernização das tradições 58

culturais (Abreu; Magno, 2017). No entanto, é crucial equilibrar essa modernização com a preservação dos elementos que conferem autenticidade e significado à tradição. Em Vão de Almas, a introdução de motos, carros e sons automotivos, por exemplo, alterou a atmosfera solene e reflexiva que caracterizava as celebrações originais, levando à perda de parte da espiritualidade e do silêncio que marcavam o giro noturno dos foliões.

6.1.4 Transmissão de conhecimentos e participação dos jovens

Na comunidade, a transmissão de conhecimentos entre gerações e a participação dos jovens são fundamentais para a continuidade da Folia de Reis. Os entrevistados destacam a importância de educar os mais novos sobre as práticas e significados da folia, garantindo que a tradição não se perca com o tempo. Este processo educativo é um meio de reforçar a identidade cultural e a coesão social dentro da comunidade (Horta, 2011; Almeida, 2014).

T.D: "Permaneço na cultura vivendo e aprendendo e passando alguns conhecimentos para os mais jovens."

J.C: "Então os de certas idades é que esta lutando para a cultura não acabar e girando... uns vai para aprender e outros vai para desfazer."

P.S: "Sempre eu giro essas folhas assim porque tenho interesse em aprender que nem os mais velhos aprendeu..."

V.L: "Eu nunca tinha girado do começo ao final... eu fui mesmo para ser folião do início até o fim e foi muito legal. A gente vê a interação dos foliões mais velhos com os mais novos que estão aprendendo..."

A transmissão intergeracional de conhecimentos é essencial para a preservação das tradições culturais. Estudos mostram que a participação ativa dos jovens em rituais e festividades tradicionais fortalece sua identidade cultural e promove um senso de pertencimento e continuidade (Horta, 2011). No contexto da Folia de Reis, envolver os jovens na celebração e ensiná-los sobre os significados e práticas associadas ajuda a manter viva a tradição e a adaptá-la às novas gerações, sem perder sua essência.

59

6.1.5 Significados e práticas da Folia de Reis

No quilombo, os significados e práticas da Folia de Reis estão profundamente enraizados na cultura e na fé da comunidade. Os entrevistados descrevem rituais específicos, como o giro noturno, os cantos e as danças, que distinguem a Folia de Reis de outras manifestações culturais. Estes elementos são carregados de simbolismo e refletem a devoção religiosa e o compromisso com a preservação cultural (Abreu, 2017).

T.D: "As outras folhas gira o dia e à noite é para descansar, e a Folia de Reis gira à noite e o dia é para descansar."

J.C: "O giro da folia de Reis é calado, não bate caixa, só bate na hora do canto, da curraleira e na hora da despedida."

P.S: "A folia de Reis gira à noite, mas em silêncio que, quando chega na casa de uma pessoa à noite, quando dá fé que ela chegou, já tá cantando no terreiro."

V.L: "Em relação à folia de Reis, ela tem que sair no dia 01 e remata no dia 06 e ela gira à noite, todo mundo calado, sem conversar no deslocamento de uma casa para a outra e sem bater a caixa; só bate a caixa quando começa o canto."

A prática da Folia de Reis, com suas especificidades de cantos, giros noturnos e a interação silenciosa entre os foliões e os moradores, ressalta a singularidade desta tradição. A realização dos cantos no terreiro, o uso de instrumentos tradicionais e a manutenção de um ambiente de reverência e silêncio durante o giro são aspectos que diferenciam a Folia de Reis e conferem a ela um caráter único e sagrado (SOARES, 2024). Estes rituais não apenas expressam a devoção ao Santo Reis, mas também fortalecem os laços comunitários e a identidade cultural dos participantes.

As interações sociais durante a Folia de Reis são marcadas por um profundo senso de comunidade e solidariedade. Neves (2008) destaca que a festividade promove a união dos moradores, reforçando laços familiares e comunitários. A celebração inclui visitas às casas dos moradores, onde a bandeira dos Reis Magos é levada, e as famílias recebem os foliões com hospitalidade. Este ato de receber a bandeira em suas casas é um símbolo de bênção e proteção, além de ser uma oportunidade para fortalecer os laços comunitários

60

A visita às casas é um momento de troca e compartilhamento, onde os valores de hospitalidade e reciprocidade são postos em prática. Conforme apontado por Goffman (1985), essas interações desempenham um papel vital na construção e manutenção das redes sociais dentro da comunidade. A presença dos foliões em cada residência cria uma sensação de pertencimento e interdependência, onde todos são envolvidos no ritual, não apenas como espectadores, mas como participantes ativos

Além disso, as interações sociais durante a Folia de Reis são uma forma de transmissão de conhecimento cultural e histórico. As histórias contadas e os cantos executados durante as visitas ajudam a educar os jovens sobre suas raízes e a importância de preservar essas tradições. Segundo Brandão (2004), essa educação informal é essencial para a continuidade cultural, pois envolve a próxima geração nas práticas que definem a identidade coletiva da comunidade

As interações também são uma oportunidade para resolver conflitos e reforçar normas sociais. Durante as celebrações, as tensões e disputas são frequentemente mediadas por líderes comunitários e resolvidas de forma pacífica, reforçando os valores de harmonia e cooperação que são centrais para a vida comunitária dos Kalunga. Como observam Teixeira e Menezes (2007), os rituais festivos

frequentemente servem como válvulas de escape para tensões sociais, permitindo que a comunidade reafirme sua coesão e solidariedade através da celebração conjunta

A Folia de Reis serve como um mecanismo de integração social, onde novos membros da comunidade são introduzidos e aceitos. Este processo de inclusão é fundamental para a coesão social, garantindo que todos, independentemente de sua origem, se sintam parte integrante da comunidade. Como argumenta Burke (1989), os rituais comunitários desempenham um papel crucial na integração social, promovendo um senso de identidade compartilhada e pertencimento.

Os instrumentos tradicionais, como caixa, pandeiro e viola, possuem significados culturais profundos e são elementos centrais nas celebrações. Esses instrumentos não só acompanham os cânticos, mas também simbolizam a resistência e a continuidade das tradições culturais dos Kalunga. Roriz (2020) explica que esses instrumentos são passados de geração em geração, e o seu uso durante a Folia de Reis é uma forma de manter viva a herança cultural da comunidade.

61

A importância dos instrumentos musicais na Folia de Reis vai além da simples produção de som; eles são símbolos de identidade cultural e resistência. De acordo com Araújo (2020), cada instrumento possui uma história e um significado específico que se conecta às experiências históricas da comunidade. Por exemplo, a caixa representa a batida do coração da comunidade, mantendo o ritmo e a continuidade das tradições, enquanto o pandeiro e a viola adicionam camadas de melodia e harmonia que enriquecem a experiência sonora do ritual.

Além disso, a confecção e manutenção desses instrumentos são atividades que envolvem habilidades artesanais transmitidas de geração em geração. Segundo Neves (2008), a construção dos instrumentos é um processo colaborativo que reforça os laços comunitários e a transmissão de conhecimentos técnicos e culturais. Este aspecto artesanal da Folia de Reis destaca a importância do trabalho manual e do conhecimento prático na preservação das tradições culturais.

Os instrumentos também desempenham um papel vital na criação de um ambiente de celebração e alegria. Como observado por Brandão (2004), a música é uma forma poderosa de expressão emocional e social, que ajuda a unir os

participantes e criar uma atmosfera de solidariedade e cooperação. A combinação de ritmos e melodias envolve todos os sentidos, criando uma experiência imersiva que fortalece a conexão entre os membros da comunidade.

A diversidade de instrumentos e estilos musicais presentes na Folia de Reis reflete a rica tapeçaria cultural da comunidade Kalunga. Segundo Silva Junior (2008), essa diversidade musical é um testemunho da capacidade da comunidade de incorporar e adaptar influências externas, mantendo ao mesmo tempo um forte senso de identidade cultural. Este sincretismo musical é uma característica distintiva das práticas culturais quilombolas, que frequentemente mesclam elementos de diferentes tradições para criar algo único e significativo

6.1.6 Variação Linguística na Comunidade Kalunga Vão de Almas

A análise das entrevistas realizadas na comunidade Kalunga Vão de Almas permite identificar variações linguísticas, refletindo aspectos culturais, sociais e históricos dessa comunidade. A seguir, apresentamos uma análise de termos e 62

expressões utilizados nas entrevistas, com foco na variação lexical, concordância verbal e variações fonéticas.

Nas entrevistas, a presença de fenômenos como a lexicalização revelam traços linguísticos descontínuos associados ao português rural de Vão de Almas. Isso pode ser notado, por exemplo, na variação lexical: Alumiar x Iluminar. Usado frequentemente pela comunidade, principalmente pelos moradores mais velhos, "alumiar" é um termo popular comum em áreas rurais e regiões de forte tradição oral. Exemplo: "*Era feito candeias de cera e fogueiras para alumiar.*" Tal termo, é um correspondente linguístico para o termo da norma padrão "iluminar", utilizado em contextos mais formais

A concordância verbal é outra característica que varia nas falas dos entrevistados. Nas falas, observamos exemplos de variação em número e pessoa:

T.D: "*Os três Reis Magro convida nós festejar...*" (Corresponde linguístico: "*Os três Reis Magos nos convidam para festejar...*").

J.C: "*Antigamente girava todos a cavalo...*" (Corresponde linguístico: "*Antigamente todos giravam a cavalo...*").

A não concordância do plural nos discursos dos moradores da comunidade quilombola rural Vão de Almas pode ser analisada à luz da sociolinguística, conforme descrito por Bortoni-Ricardo (2004). Este fenômeno é uma característica recorrente em diversas variedades linguísticas do português brasileiro, especialmente em comunidades tradicionais e rurais, onde influências culturais e históricas são marcantes.

Bortoni-Ricardo (2004) aborda em suas pesquisas a variação e mudança linguística em comunidades do Brasil. Em seu estudo, ela destaca como as variedades não padrão do português refletem a identidade cultural e as interações sociais dos falantes. A não concordância de plural é um exemplo de variação que, embora seja estigmatizada em contextos formais, possui uma lógica interna e é sistemática dentro da comunidade linguística em questão. A análise linguística das falas de T.D "Os *três Reis Magro convida nós festejar...*" (Corresponde linguístico: "Os *três Reis Magros nos convidam para festejar...*") e de J.C: "*Antigamente girava todos a cavalo...*" (Corresponde linguístico: "Antigamente todos giravam a cavalo..."), demonstra como

63

a língua é viva e se adapta às necessidades comunicativas e culturais de seus falantes. Entender essas variações é fundamental para valorizar a riqueza e diversidade do português brasileiro e para desenvolver políticas linguísticas mais inclusivas.

Outro aspecto importante da cena linguística da comunidade é o uso da palavra "girar", muitas vezes empregada sem concordância de plural. Esta palavra é representativa do repertório cultural e sociolinguístico da comunidade. Durante a folia, grupos musicais conhecidos como terno ou companhia de reis circulam pelas comunidades para anunciar o nascimento do Menino Jesus. Os foliões seguem em devoção a um santo, e para cada dia da festa, há uma casa que oferece pouso (local para dormir). Nessas casas, os foliões são recebidos com festas, comida, bebida e música. Parte do ritual do pouso também envolve abençoar a casa e seus moradores. Na fala do morador J.C "*Antigamente girava todos a cavalo...*", a palavra "girar" na Folia de Reis refere-se a sair como folião, participando ativamente dessa celebração religiosa e cultural. É uma variação popular para designar o trajeto percorrido pelos

foliões durante os dias da festa. Portanto, quando alguém “gira” na Folia de Reis, está seguindo o caminho como parte dessa tradição festiva e religiosa.

Em outras palavras, no contexto das Foliias de Reis, as tradições presentes no “giro de folia” cumprem um papel evangelizador. Os foliões visitam casas nos chamados “giros de Folia”, levando consigo a representação das divindades e as escrituras sagradas. Cantadores e instrumentistas, como violeiros, acompanham essa extensa delegação de cavaleiros chamados de “tropeiros” ou simplesmente “foliões”. Essa prática envolve refeições e momentos de oração e comunhão entre os participantes (Brandão, 1981).

Além dessas variações, a comunidade conta com uma riqueza linguística no seu modo de falar. A pesquisa de Gonçalves (2024) sobre a variação linguística na comunidade quilombola Kalunga Vão de Almas, especificamente entre os estudantes do 6º ano do Colégio Estadual Calunga I, apresenta a transição da oralidade para a norma padrão e o processo de letramento. A análise de Gonçalves destaca a rica diversidade linguística presente na comunidade, refletindo a interação entre o 64 ambiente rural e urbano, a oralidade e o letramento.

Na comunidade, Gonçalves (2024) observou fenômenos como a **apócope**, onde há omissão do /r/ final em formas verbais, e a monotongação, que transforma ditongos em monotongos, como na expressão “*Num foi a galinha choca qui vovó mandô ieu tirá du nim*”. Além disso, a pesquisa aponta para variações lexicais e fonético-fonológicas que são intrínsecas ao contexto local, como o uso de “iscadeira” para “coluna” e “cantalera” para “clavícula”. A pesquisa também menciona a **aférese**, que é a supressão de consoantes no início das palavras, e a substituição das vogais /o/ por /u/, como em “*Istudá cedu é ruim dimas*”. Essas variações são exemplos da adaptação linguística presentes realidade cultural e social da comunidade Vão de Almas. Na entrevista com os foliões, também observamos uma redução da palavra veio para vêi (“veio”), conforme mostra o excerto a seguir:

TD: “*Santo Reis quem ta dizendo no princípio dessa porta sua casa veí benzedo” (veio benzendo).*

Na mesma linha de Gonçalves (2024), destacamos a importância de reconhecer e valorizar essas variações linguísticas como parte da identidade cultural da comunidade. Conforme autor, estudar os fenômenos linguísticos associados a essas variações, contribui para a compreensão da complexidade sociolinguística da

comunidade Kalunga Vão de Almas, destacando a necessidade de preservar a riqueza da diversidade linguística como um reflexo da história e identidade únicas da comunidade quilombola.

6.1.7 Gêneros Discursivos na Folia de Reis

Bakhtin (1986) define gêneros discursivos como tipos relativamente estáveis de enunciados, que podem ser orais ou escritos. A Folia de Reis, como um gênero discursivo predominantemente oral, utiliza cânticos, rezas e narrativas para transmitir conhecimentos culturais e valores comunitários.

A análise dos gêneros discursivos presentes nas entrevistas realizadas com membros da comunidade Kalunga sobre a Folia de Reis revela diversos elementos característicos dessa prática cultural. A seguir, identifico e discuto alguns dos principais gêneros discursivos mencionados pelos entrevistados, ilustrando cada um com excertos relevantes das entrevistas.

† Curraleira

A curraleira é uma parte significativa das festividades da Folia de Reis, mencionada especificamente pelo entrevistado J.C. Este gênero discursivo envolve a realização de cantos e toques de instrumentos musicais, sendo um momento de grande interação entre os foliões e a comunidade.

J.C: "O giro da folia de Reis é calado, não bate caixa, só bate na hora do canto, da curraleira e na hora da despedida."

Na comunidade de Vão de Almas, a curraleira desempenha um papel central na Folia de Reis. Este gênero discursivo é caracterizado por cantos e toques de instrumentos musicais, como violas, caixas e pandeiros, que juntos criam uma atmosfera de grande interação e alegria. Durante a curraleira, os foliões visitam as casas da comunidade, entoando canções e apresentando danças, o que promove um forte sentimento de união e pertencimento entre os participantes e os moradores. Este momento é destacado pela presença da bandeira da folia, um símbolo enfeitado com fitas e figuras que representam a visita dos Reis Magos. A curraleira marca o início e o encerramento das visitas dos foliões às casas, integrando a música e a devoção na tradição cultural de Vão de Almas.

✠ Cânticos e Rezas

Os cânticos e rezas na Folia de Reis são carregados de simbolismo e refletem a rica herança cultural dos Kalunga. De acordo com Souza e Araújo (2020), esses elementos são fundamentais para a performance do ritual, lembrando passagens bíblicas e promovendo devoção e benefícios espirituais. Durante a celebração, os foliões entoam cânticos que narram a visita dos Reis Magos ao menino Jesus, fortalecendo a conexão entre os participantes e suas crenças religiosas. Além disso, como apontam Brandão (2004) e Silva Junior (2008), essas canções são mais do que simples melodias; são narrativas que preservam histórias e ensinamentos passados oralmente de geração em geração, funcionando como verdadeiros livros cantados que mantêm viva a tradição oral da comunidade.

Outro gênero discursivo presente é o canto de saudação, utilizado para saudar os moradores das casas visitadas durante o giro da Folia de Reis. Este canto é uma forma de abençoar e agradecer aos anfitriões pela recepção.

J.C: "para reunir a folia de Reis canta assim: e boa noite morador é Santo Reis quem tá dizendo no princípio dessa porta sua casa veio abençoando..."

Os cânticos e rezas na Folia de Reis são carregados de simbolismo e refletem a rica herança cultural dos Kalunga. De acordo com Souza e Araújo (2020), esses elementos são fundamentais para a performance do ritual, lembrando passagens bíblicas e promovendo devoção e benefícios espirituais. Durante a celebração, os foliões entoam cânticos que narram a visita dos Reis Magos ao menino Jesus, fortalecendo a conexão entre os participantes e suas crenças religiosas. Além disso, como apontam Brandão (2004) e Silva Junior (2008), essas canções são mais do que simples melodias; são narrativas que preservam histórias e ensinamentos passados oralmente de geração em geração, funcionando como verdadeiros livros cantados que mantêm viva a tradição oral da comunidade.

Os cânticos também desempenham um papel fundamental na estrutura social da comunidade, permitindo que todos os membros, independentemente de sua idade, participem ativamente da celebração. Essa participação é crucial para a transmissão de valores e conhecimentos, conforme observado por Bakhtin (1986), que argumenta que os gêneros discursivos orais são formas poderosas de comunicação que envolvem a coletividade em práticas culturais significativas.

Outro aspecto importante é o papel dos rezadores e cantadores na condução das cerimônias. Segundo Teixeira e Menezes (2007), esses indivíduos são vistos como guardiões da tradição e têm o respeito da comunidade por seu conhecimento e habilidade em conduzir os rituais. Eles são os principais responsáveis por manter a continuidade das práticas culturais e religiosas, passando seu conhecimento para as gerações mais jovens por meio do exemplo e do ensino direto.

As rezas, muitas vezes realizadas em latim, trazem um elemento de solenidade e profundidade espiritual à Folia de Reis. Segundo Burke (1989), o uso de línguas litúrgicas em rituais populares serve para reforçar a sacralidade do evento e conectar os participantes a uma tradição religiosa mais ampla, transcendente das 67

fronteiras da comunidade. Essa prática também exemplifica o sincretismo religioso presente nas comunidades quilombolas, que mesclam elementos do catolicismo com tradições africanas, como observado por Silva Junior (2008) em suas análises sobre as festividades Kalunga.

‡ **Sussa**

A sussa, uma dança tradicional, também é mencionada pelos entrevistados como parte das celebrações. Este gênero discursivo destaca a interação entre os participantes e a importância da dança na manutenção da tradição cultural.

P.S: "A folia de Reis chega na casa de um à noite faz o canto pelo lado de fora... na hora da sussa lá eles abrem a porta já para ir dançar a sussa lá na frente da bandeira no terreiro."

A sussa é uma dança tradicional da comunidade Kalunga, presente no Vão de Almas, e desempenha um papel fundamental nas celebrações culturais e religiosas da região. Originária das tradições africanas, a sussa é marcada pelo ritmo de instrumentos como viola, pandeiro, sanfona e caixa. Durante a dança, as mulheres frequentemente equilibram garrafas de cachaça na cabeça, um gesto que simboliza a prosperidade e os pedidos de boas colheitas.

As festividades Kalunga, onde a sussa é uma parte central, são ricas em simbolismos e rituais que misturam o sagrado e o profano. A dança é uma manifestação cultural que promove a união e a identidade comunitária, sendo realizada em eventos como o levantamento do mastro do Divino Espírito Santo e outras celebrações religiosas.

Essas festividades são momentos de reencontro familiar, batizados, casamentos e também de expressão política e social, onde as reivindicações da comunidade são apresentadas aos líderes locais.

‡ **Romaria**

A romaria é um gênero discursivo que envolve peregrinações e é mencionada pela entrevistada S.N. como uma prática significativa dentro das festividades religiosas, destacando a devoção e a fé da comunidade.

S.N: "Hoje eu participo bastante das rezas, dos festejos religiosos, das romarias, da levantação do mastro, da sussa e hoje me vejo bastante dentro da cultura."

68

Os gêneros discursivos mencionados acima são profundamente enraizados na tradição da Folia de Reis, que combina elementos religiosos e culturais para criar uma experiência comunitária rica e significativa. Segundo estudos sobre a Folia de Reis, essas práticas desempenham um papel crucial na preservação da identidade cultural e na transmissão de valores e conhecimentos entre as gerações (Abreu, 2017).

A curraleira e os cantos de saudação, por exemplo, são formas multimodais de linguagem que combinam música, dança e poesia para expressar a devoção religiosa e a solidariedade comunitária (Horta, 2011; Almeida, 2014). A sussa, como uma dança tradicional, promove a interação social e reforça os laços culturais, enquanto a romaria destaca a dimensão espiritual da Folia de Reis, conectando a comunidade a uma tradição religiosa mais ampla (Abreu, 2017).

6.1.8 Letramentos, cultura e identidade na comunidade Vão de Almas

Nesta seção, discutimos a linguagem sociocultural e os letramentos presentes na manifestação religiosa da Folia de Reis na comunidade Kalunga Vão de Almas. Utilizando uma abordagem etnográfica baseada em entrevistas e observações, o estudo descreve e analisa a Folia de Reis como um gênero discursivo predominantemente oral, destacando sua contribuição para a promoção de letramentos e a revelação de aspectos culturais e identitários da comunidade. Durante o período festivo, os letramentos da comunidade manifestam-se na preparação e

execução da Folia de Reis. Isso inclui registros de canções, narrativas orais transmitidas entre gerações e a utilização de instrumentos tradicionais que possuem significados culturais e letrados.

6.1.9 Letramentos e multiletramentos na Folia de Reis

O conceito de letramento vai além da simples habilidade de ler e escrever; envolve práticas sociais que utilizam a escrita como um sistema simbólico em contextos específicos (Kleiman, 2008). Street (2014) propõe a ideia de letramento como uma prática socialmente situada, onde diferentes tipos de letramento, como científico, matemático, linguístico, literário, acadêmico e digital, interagem e se sobrepõem.

69

O letramento é entendido como um conjunto de práticas sociais que envolvem a escrita e a leitura em contextos específicos (Kleiman, 2008). Street (2014) amplia esse conceito ao introduzir a noção de letramento como prática social, considerando as influências culturais, históricas e sociais nas práticas de leitura e escrita. Rojo (2012) propõe o conceito de multiletramentos, que reconhece a diversidade de formas de linguagem e a multiplicidade semiótica presentes na sociedade contemporânea. Essa perspectiva é crucial para entender como diferentes formas de letramento são utilizadas na Folia de Reis para comunicar e preservar a cultura Kalunga.

A Folia de Reis na comunidade Kalunga Vão de Almas inicia-se com a colocação da bandeira no mastro, seguida de visitas às casas dos moradores, onde são realizados cânticos e rezas. Cada casa recebe a bandeira dos Reis Magos, e a festividade inclui momentos de reflexão e celebração comunitária. O evento culmina no dia 6 de janeiro com o arremate, um ritual que inclui a reza do bendito de mesa e uma grande festa comunitária.

Os cânticos e rezas da Folia de Reis são exemplos de letramento linguístico, onde a habilidade de interpretar e dar sentido às palavras cantadas é essencial. Além disso, a prática envolve letramentos multissemióticos, como a interpretação das cores e imagens presentes nas bandeiras e a compreensão dos ritmos e melodias das músicas. As práticas de letramento na Folia de Reis têm implicações significativas para a educação na comunidade Kalunga. Elas promovem a valorização das tradições

culturais e reforçam a identidade comunitária, além de proporcionar oportunidades de aprendizado intergeracional.

A oralidade predominante na Folia de Reis promove diversos tipos de letramentos, incluindo a transmissão de conhecimentos e tradições orais. Entrevistas e observações revelam como essas práticas de letramento são passadas entre gerações e mantêm vivas as tradições culturais da comunidade, por exemplo, os cânticos e rezas, memorizados e transmitidos de geração em geração, são formas de letramento linguístico que fortalecem a identidade cultural e a coesão social.

Os letramentos observados na Folia de Reis também incluem aspectos de letramento multissemiótico, como a interpretação das cores e imagens presentes nas bandeiras e a compreensão dos ritmos e melodias das músicas. Essas práticas são essenciais para a manutenção da cultura Kalunga e para a promoção de uma educação que valorize a diversidade cultural e os conhecimentos tradicionais.

A oralidade é uma prática central na Folia de Reis, promovendo a transmissão de conhecimentos e tradições entre gerações. Essa transmissão oral é uma forma de letramento que inclui a interpretação de cânticos, narrativas e histórias locais, essencial para a preservação cultural da comunidade. Os cânticos e rezas, memorizados e transmitidos de geração em geração, são formas de letramento linguístico que fortalecem a identidade cultural e a coesão social. Neves (2008) observa que esses elementos orais são aprendidos desde a infância, e os jovens são incentivados a participar das celebrações, garantindo a continuidade das tradições. Esses cânticos funcionam como veículos de transmissão de saberes e valores culturais, sendo fundamentais para a manutenção da identidade coletiva da comunidade Kalunga.

Segundo Kleiman (2008), o letramento linguístico não se restringe apenas à leitura e escrita, mas envolve práticas sociais que utilizam a linguagem como meio de interação e comunicação. Na Folia de Reis, os cânticos e rezas desempenham exatamente esse papel, servindo como meio de interação entre os membros da comunidade e como forma de expressar e reforçar sua identidade cultural. Essas práticas linguísticas são essenciais para a construção de um senso de pertencimento e coesão social, pois envolvem todos os membros da comunidade em uma atividade coletiva e significativa.

Além disso, Brandão (2004) aponta que os cânticos e rezas na Folia de Reis possuem uma função pedagógica, ensinando aos jovens os valores e crenças da comunidade.

Esse aprendizado ocorre de forma informal e prática, através da participação ativa nas celebrações. Os jovens aprendem os cânticos e rezas observando e imitando os mais velhos, participando das cerimônias e internalizando os valores e significados associados a essas práticas. Essa forma de letramento é fundamental para a continuidade das tradições culturais e para a transmissão de 71 conhecimentos entre gerações.

Outro aspecto importante do letramento linguístico na Folia de Reis é a sua função ritualística. Segundo Goffman (1985), os rituais desempenham um papel crucial na construção e manutenção das identidades sociais. Na Folia de Reis, os cânticos e rezas são elementos centrais dos rituais, servindo para marcar momentos importantes da celebração e para reforçar a coesão e a solidariedade entre os membros da comunidade. Esses rituais linguísticos ajudam a manter viva a memória coletiva da comunidade e a preservar suas tradições culturais.

Figura 13: Folia em Vão de Almas



Fonte: Disponível em
<<https://jornaldmentorno.com.br/noticia/793/festejo-da-comunidadequilombola-kalunga-vao-de-almas-e-promovido-em-cavalcante>>.

Acesso em: 20 de mai. 2024.

A participação nos cânticos e rezas da Folia de Reis proporciona aos jovens uma oportunidade de desenvolver suas habilidades linguísticas e comunicativas. Segundo Street (2014), o letramento é uma prática socialmente situada, que envolve a capacidade de usar a linguagem de forma eficaz em contextos específicos. Na Folia de Reis, os jovens aprendem a usar a linguagem de forma expressiva e significativa, desenvolvendo habilidades importantes para a sua vida social e cultural. Esse processo de aprendizagem contribui para a formação de uma identidade cultural forte e para a coesão social da comunidade Kalunga.

Os letramentos observados na Folia de Reis também incluem aspectos de letramento multissemiótico, como a interpretação das cores e imagens presentes nas bandeiras e a compreensão dos ritmos e melodias das músicas. Souza e Araújo (2020) apontam que a bandeira dos Reis Magos, carregada durante as visitas, é um símbolo de proteção e bênção, e sua interpretação envolve um profundo entendimento dos significados culturais e religiosos atribuídos a esses símbolos.

Segundo Rojo (2012), o conceito de multiletramentos refere-se à capacidade de interpretar e produzir significados a partir de uma variedade de signos semióticos, incluindo texto, imagem, som e gesto. Na Folia de Reis, os participantes são expostos a uma rica tapeçaria de signos semióticos, que incluem não apenas as palavras cantadas, mas também as imagens das bandeiras, os ritmos das músicas e os gestos das danças. Essa multiplicidade de signos contribui para uma experiência de letramento mais ampla e diversificada, que envolve todas as dimensões da comunicação humana.

As bandeiras dos Reis Magos, por exemplo, são ricas em símbolos e cores que têm significados específicos dentro do contexto cultural da comunidade Kalunga. De acordo com Kress (2010), a interpretação de imagens é uma habilidade crucial no letramento multissemiótico, pois envolve a capacidade de decodificar e atribuir significados a símbolos visuais. Na Folia de Reis, os participantes aprendem a interpretar as bandeiras como símbolos de proteção e bênção, desenvolvendo sua capacidade de ler e interpretar significados visuais em um contexto culturalmente relevante.

Além das bandeiras, os ritmos e melodias das músicas também desempenham um papel crucial no letramento multissemiótico. Segundo Van Leeuwen (1999), a música é um meio poderoso de comunicação semiótica, que pode transmitir significados emocionais e culturais complexos. Na Folia de Reis, os participantes aprendem a interpretar os ritmos e melodias das músicas como expressões de alegria, devoção e coesão social. Esse processo de interpretação musical contribui para o desenvolvimento de habilidades de letramento auditivo e emocional, que são essenciais para a comunicação em diferentes contextos socioculturais.

Os gestos e movimentos das danças na Folia de Reis também são formas importantes de letramento multissemiótico. Segundo McNeill (1992), os gestos são uma forma de comunicação semiótica que complementa e enriquece a comunicação

verbal. Na Folia de Reis, os participantes aprendem a interpretar os gestos e movimentos das danças como expressões de devoção e alegria, desenvolvendo sua capacidade de ler e interpretar significados corporais em um contexto ritualístico. Esse processo de aprendizagem contribui para o desenvolvimento de letramentos, que são essenciais para a comunicação eficaz em contextos sociais e culturais.

Carvalho dos Santos (2020) discute como os movimentos estéticos corporais no Quilombo Mesquita, localizado em Goiás, representam uma forma de resistência e preservação cultural. Esses movimentos incluem danças, gestos e outras expressões corporais que são intrinsecamente ligadas à identidade e à história da comunidade quilombola. Eles não apenas preservam tradições ancestrais, mas também funcionam como um meio de comunicação e expressão de valores culturais.

Além da escrita, Carvalho dos Santos (2020) aborda a importância dos multiletramentos, que englobam a capacidade de interpretar e produzir significados a partir de diversos sistemas semióticos. Segundo o autor, no contexto do Quilombo Mesquita, isso inclui a interpretação dos ritmos e movimentos das danças tradicionais, a simbologia presente nos trajes e acessórios utilizados nas celebrações, e a oralidade presente nas narrativas e canções. Esses multiletramentos são essenciais para a preservação da cultura quilombola, promovendo a continuidade das tradições e fortalecendo a identidade coletiva da comunidade.

O letramento multissemiótico na Folia de Reis em Vão de Almas envolve a integração de todas essas formas de comunicação semiótica em uma experiência de letramento rica e multifacetada. Segundo Cope e Kalantzis (2000), a capacidade de integrar múltiplas formas de comunicação semiótica é uma habilidade crucial para a participação eficaz na sociedade contemporânea. Na Folia de Reis, os participantes desenvolvem essa habilidade ao interpretar e produzir significados a partir de uma variedade de signos semióticos, contribuindo para a formação de uma identidade cultural, bem como para a coesão social da comunidade Kalunga.

Neste Capítulo, analisamos a rica tapeçaria sociocultural da Folia de Reis na comunidade Kalunga Vão de Almas, destacando como as tradições e práticas de letramento desempenham um papel central na manutenção da identidade e coesão comunitária. Através das entrevistas e observações, identificamos que a fé e a devoção são pilares fundamentais que sustentam essa celebração, refletindo a resistência cultural e a continuidade das tradições ancestrais.

Discutimos também as mudanças na tradição da Folia de Reis, observando como a introdução de novas tecnologias e modos de vida modernos tem transformado a forma de celebração. Embora essas mudanças indiquem a adaptabilidade da tradição, também geram preocupações sobre a perda de elementos essenciais que conferem autenticidade à prática original. É crucial equilibrar a modernização com a preservação dos aspectos que conferem significado à tradição.

A participação dos jovens e a transmissão de conhecimentos entre gerações foram destacadas como elementos vitais para a continuidade da Folia de Reis. A educação informal, proporcionada pela participação ativa nas celebrações, fortalece a identidade cultural e promove um senso de pertencimento. Envolver os jovens nas tradições garante que a essência cultural seja mantida e adaptada às novas gerações.

Finalmente, analisamos os letramentos (semióticos) e multiletramentos presentes na Folia de Reis, enfatizando a diversidade de formas de comunicação que envolvem texto, imagem, som e gesto. Essas práticas não apenas preservam a cultura Kalunga, mas também promovem uma educação que valoriza a diversidade cultural e os conhecimentos tradicionais, essencial para a coesão e identidade da comunidade.

75

APITO FINAL: FINALIZANDO O GIRO

Vozes de Reis em Vão de Almas

*Nas trilhas antigas do Vão de Almas,
Ecoam cânticos, histórias, rezas calmas.
Folia de Reis, letramentos a brilhar,
Cultura e fé em harmonia a pulsar.*

*Cada verso cantado, uma lição transmitida,
Dos mais velhos aos jovens, tradição vivida.
Instrumentos sagrados, caixa e pandeiro,
Marcam o ritmo desse legado inteiro.
Na noite silenciosa, curraleira
ressoa,*

*Unindo corações, em devoção ecoa.
Os letramentos se entrelaçam na voz da comunidade,
Mantendo viva a essência da identidade.*

Assim, seguimos o caminho, em reverência,

*Guardando os ensinamentos, com persistência.
Folia de Reis, celebração e saber,
Letras e sons que fazem o espírito renascer.
Erildo Fernandes de Souza*

Figura 14: Anoiecer no Vão de Almas



Fonte: Marcio Sanches. Disponível em
<<https://montanero.com.br/expedicao/expedicaokalunga/>>. Acesso em 20 de mai. 2024.

76

Esta pesquisa teve como objetivo analisar o processo sócio-histórico, a cultura e os letramentos presentes na Folia de Reis da comunidade Kalunga Vão de Almas, utilizando uma abordagem etnográfica. Através deste método, foi possível observar, registrar e analisar as práticas culturais e religiosas dessa comunidade, especialmente durante a celebração da Folia de Reis, um importante evento que reflete a riqueza cultural e a identidade coletiva dos Kalunga.

Os letramentos e a linguagem sociocultural emergem como elementos centrais nesta análise. Fundamentando-se em autores como Marcuschi (2008), Street (2014), Kleiman (2008), Rojo (2012), entre outros, e utiliza as metodologias de BortoniRicardo (2008) e Creswell (2013), entre outros, compreendemos que letramento vai além da simples habilidade de ler e escrever, englobando práticas sociais que utilizam a escrita e a oralidade em contextos específicos. No contexto da Folia de Reis, estas práticas envolvem a transmissão de conhecimentos culturais, religiosos e sociais por meio de cânticos, rezas e narrativas orais.

A análise das entrevistas também permitiu identificar variações linguísticas, refletindo aspectos culturais, sociais e históricos da comunidade. Termos e expressões específicos, como "girar" e "alumiar", exemplificam a riqueza linguística e a identidade cultural dos Kalunga, demonstrando a interseção entre linguagem, cultura e tradição.

Observamos que a fé e a tradição são intrínsecas à Folia de Reis, servindo como um meio de preservação das tradições ancestrais e de continuidade da identidade cultural Kalunga. Os entrevistados destacaram a importância dos instrumentos tradicionais, como a caixa, o pandeiro e a viola, que não apenas embalam os rituais com música, mas também carregam significados profundos que reforçam a coesão social e a devoção religiosa.

Em Vão de Almas, as mudanças na tradição, como a introdução de novas tecnologias e modos de vida modernos, refletem a flexibilidade e a adaptabilidade da cultura Kalunga. Entretanto, essas transformações também trazem preocupações quanto à preservação dos elementos originais e essenciais da prática. Por exemplo, a substituição dos cavalos por motos e carros alterou a atmosfera tradicional da folia, destacando a necessidade de equilibrar modernização e preservação cultural.

A transmissão de conhecimentos entre gerações e a participação dos jovens emergem como fundamentais para a continuidade da Folia de Reis. Este processo educativo intergeracional é crucial para manter viva a tradição, adaptando-a às novas gerações sem perder sua essência. A participação dos jovens fortalece a identidade cultural e promove um senso de pertencimento e continuidade dentro da comunidade. Os significados e práticas da Folia de Reis em Vão de Almas, como o giro noturno, os cantos e as danças, são carregados de simbolismo e refletem a devoção religiosa e o compromisso com a preservação cultural. Estes elementos distintivos não apenas expressam a fé dos participantes, mas também fortalecem os laços comunitários, demonstrando como a cultura e a religião estão intrinsecamente ligadas na vida dos Kalunga.

Em conclusão, a Folia de Reis na Comunidade Kalunga Vão de Almas é uma prática rica e multifacetada que envolve aspectos de fé, tradição, mudanças culturais e transmissão de conhecimentos. Esta pesquisa contribuiu para a compreensão dos letamentos nas manifestações religiosas, destacando sua relevância na preservação da cultura Kalunga e na formação da identidade coletiva. Espera-se que os achados desta pesquisa possam conscientizar outras comunidades sobre a importância de

suas próprias práticas culturais e letramentos, promovendo a valorização e preservação de suas tradições.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina; MAGNO, Marluce. Desafios na patrimonialização de bens imateriais de caráter religioso: o caso das Folias de Reis Fluminenses. **Religião & Sociedade**, v. 37, p. 18-45, 2017.

ALMEIDA, Maria Geralda (org.). **O território e a comunidade Kalunga**: quilom bolas em diversos olhares. Goiânia: Gráfica UFG, 2015.

ALMEIDA, Maria Geralda. Etnodesenvolvimento e Turismo nos Kalunga do nordeste de Goiás. In: LIMA, Ismar Borges. **Etnodesenvolvimento & Gestão Territorial**: comunidades indígenas e quilombolas. Curitiba: Editora CRV, 2014, p. 195-212.

ALVES-CÂNDIDO, Aroldo. **Folia de Reis**: Tradições e **Identidade** em **Goiás**. In: II Seminário de. Pesquisa da Pós-Graduação em História, **UFG /UCG**, **200**.

BAKHTIN, M. M. **Speech Genres and Other Late Essays**. University of Texas Press, 1986.

BAPTISTA, Marisa Todescan Dias da Silva. **O estudo de identidades individuais e coletivas na constituição da história da psicologia**. Ática. São Paulo 2002, p. 3138.

BAZERMAN, Charles. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2009.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola, 2008.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **De tão longe eu venho vindo: símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás**. Goiânia: Ed. UFG, 2004.

BURKE, Peter. **A cultura popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CARVALHO DOS SANTOS, Edinei. **Navegando em águas ancestrais: letramentos em contexto de luta e resistência: uma experiência etnográfica no Quilombo Mesquita-Goiás (GO)**. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília. Brasília, 2020.

CHAVES, Wagner Diniz. Canto, Voz e Presença: uma análise do poder da palavra cantada nas folias norte-mineiras. **Mana**, v. 20, p. 249-280, 2014.

COPE, Bill; KALANTZIS, Mary. **Multiliteracies: Literacy Learning and the Design of Social Futures**. London: Routledge, 2000.

CRESWELL, J. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. Porto Alegre, RS: Penso, 2013.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

FLAVIO, Luiz Carlos. **A geografia e os “territórios de memória” (as representações de memória do território)**. (Tese de doutorado). São Paulo: USP, 2007/2011.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOFFMAN, Erving. **The Presentation of Self in Everyday Life**. New York: Doubleday, 1985.

GONÇALVES, Genildo Fernandes. **Varição linguística na comunidade Kalunga Vão de Almas, Cavalcante, Goiás: uma análise do processo de transição da oralidade da língua materna para a norma padrão**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL), Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2024.

HORTA, Ana P. S. Os Reis da Canastra: os sentidos da devoção nas folias.

Dissertação de Mestrado em História Social. Universidade de São Paulo. São Paulo: 2011.

HORTA, Ana Paula Santos. **Os Reis da Canastra**: os sentidos da devoção nas folias. 2011. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

KLEIMAN, A. B. (Org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado, 2008.

79

KRESS, Gunther. **Multimodality**: A Social Semiotic Approach to Contemporary Communication. London: Routledge, 2010.

LAVE, Jean; WENGER, Etienne. **Situated Learning**: Legitimate Peripheral Participation. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac e Naify, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a Dádiva**. Lisboa: Edições 70, 2003.

MCNEILL, David. **Hand and Mind**: What Gestures Reveal about Thought. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

NEVES, Marco Antônio Caldeira. **A Folia de Reis e Identidade**: um estudo na comunidade quilombola Agreste no Norte de Minas Gerais. 2008.

PINHEIRO, Petrilson. A pedagogia dos multiletramentos 25 anos depois: algumas (re)considerações. **Revista Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 13, n. 2, p. 267-290, 2021.

ROGOFF, Barbara. **The Cultural Nature of Human Development**. Oxford: Oxford University Press, 2003.

ROJO, A. **Multiletramentos na escola**. Parábola Editorial, 2012.

ROJO, Roxane. **O letramento escolar e os textos da divulgação científica** – a apropriação dos gêneros de discurso na escola. *Linguagem em (Dis)curso* –v. 8, n. 3, p. 581-612, set./dez. 2008.

RORIZ, Cássia. **Ser(tão) Kalunga: Intervenções no território quilombola Engenho II**. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Arquitetura. UniEvangélica, 2020.

80

SARAIVA, Regina Coelly Fernandes. Saberes, fazeres e natureza nas vozes de mulheres da Chapada dos Veadeiros"Goias. **História Oral**, v. 15, n. 1, 2012.

SILVA JUNIOR, Augusto Rodrigues da. **Festejo Quilombola**: O Kalunga, o Divino, o Verso. IV ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2008. Disponível em: DE SOUZA, André Luís Santos; DE ARAÚJO, André Luiz Ribeiro. Folia de Reis em minas gerais como ritual religioso, festa popular e patrimônio imaterial. **REVES-Revista Relações Sociais**, v. 3, n. 3, p. 0212-0223, 2020.

SILVA, Sonilda Aparecida de Fátima. **Educação e empoderamento**: histórias de resistência de mulheres kalunga. 2021. 190 f. Tese (Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu em Educação–Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), Goiânia, 2021.

SOARES, Ozenildo Dias. **A tradição da folia de reis como manifestação cultural e religiosa no Quilombo Kalunga**, Comunidade. Monografia de Graduação - Curso de Licenciatura em Educação do Campo. Universidade Federal do Tocantins, Arraias, 2021.

SOUSA, Rosineide Magalhães. **Gênero discursivo mediacional, da elaboração à recepção**: uma pesquisa na perspectiva etnográfica. (Tese de Doutorado). Brasília UnB, 2006.

SOUZA, Erildo Fernandes de. **Gênero discursivo Folia de Reis**: revelando cultura e identidades na comunidade Kalunga Vão de Almas. 2015. 46 f. Monografia (Licenciatura em Educação do Campo) - Universidade de Brasília, Planaltina-DF, 2015.

STREET, B. V. **Letramentos Sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação; trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

STREET, Brian V. **Literacy in Theory and Practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. (Orgs.). **As religiões no Brasil**: continuidades e rupturas. Petrópolis: Vozes. 2006.

VAN LEEUWEN, Theo. **Speech, Music, Sound**. London: Macmillan, 1999.

VYGOTSKY, Lev S. **Mind in Society**: The Development of Higher Psychological Processes. *Cambridge, MA: Harvard University Press*, 1978.

WENGER, Etienne. **Communities of Practice**: Learning, Meaning, and Identity. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

ANEXO - Entrevistas

Entrevista realizada com com folião-guia de 48 anos de idade. Para preservar sua identidade iremos chamá-los de T.D

Folia é tradição que significa fé e cultura para nós aqui na comunidade. Primeiramente fé adoração por existir até hoje uma tradição que veio dos nossos antepassados e que estamos dando continuidade para que nossa tradição não acabe. Após o nascimento do menino Jesus, os três Reis Magro convida nós festejar a primeira festa do ano na casa dos devotos. A folia de Reis de antigamente para hoje tem muita diferença. Antigamente girava todos a cavalo no maior silêncio da noite, não existia luz, a única luz que alumiava era giro-sol e gira-lua. Na comunidade não tinha celular ainda e muitas das vezes pegavam as pessoas dormindo, hoje mudou bastante alguns vão a cavalo, outros de moto, carro. Muitas luzes as pessoas não fazem mais silêncio e isso vai desmotivando os foliões mais velhos vão perdendo o interesse de girar. Há várias mudanças no dia da remato não tinha som-automotivo, era moda tocada em violão, viola, sanfona, pandeiro e caixa. As pessoas dançava na pontas dos pés, sapateando e dando boas risadas na beira da fogueira. Como não existia energia. Era feito candeias de cera e fogueiras para lumiar. Desde de criança ouvi meus pais falarem que foi uma tradição criada pelos negros que vivia escondidos. Permaneço na cultura vivendo e aprendendo e passando alguns conhecimentos para os mais jovens. Sempre giro a folia de Reis, aprendi com meus pais, avós e tios que é uma cultura do povo nosso. As outras folias gira o dia e a noite e para descansar e a folia de Reis gira a noite e o dia para descansar. Algumas folias bate caixa no giro já a de Reis não. As outras folias faz o canto dentro de casa já o Reis faz o canto no terreiro. Hoje não leva mais a sério como antigamente, poucos jovens aprendendo, muitos vão nem tanto pela cultura mais para fazer brincadeiras, contar causos e sorrir, as vezes não sabe nem bater um pandeiro e nem tem interesse em aprender.

Entrevista realizada com folião-guia e morador da comunidade de 62 anos de idade que gira folia desde os 10 anos de idade. Para preservar sua identidade iremos chamá-los de J.C

Folia de Reis para mim é a comunidade e adoro muito. É a entrada do novo ano ajudando nós que trabalha e Santo Reis da nós a vida saúde e a felicidade e molhar as plantas que nós planta... antigamente a gente morava na roça e só tinha uma bandeira que era do velho Jacinto que girava a comunidade todinha indo nas roças, mas tinha menos pessoas e hoje aumentou mais nem duas não esta dando...A divindade hoje tá boa tem duas bandeira de lá e uma desse lado mas não da para girar tudo. Porque esta rendendo muita família e todo mundo que tem a propriedade quer receber a folia em casa e é só seis dias de giro. A folia de Reis mudou muito porque de primeiro era só folião velho, ai os velhos vão acabando e os mais novos não querem aprende. Então os de certas idades é que esta lutando para a cultura não acabar e girando... já ouvi os mais velhos dizer que é uma dividande boa, que chega nas casas e deixava os animalos longe para chegar calado... Hoje chega e uma cavalhada. Eu gosto da cultura agradeço e ajudo sempre giro a folia de Reis mais de 30 anos... para reunir a folia de Reis canta assim: e boa noite morador é Santo Reis quem ta dizendo no princípio dessa porta sua casa vei bezendo, Deus vos pague meu bom guia, Deus vos pague meu professor, chegou hoje vossa porta o retrato de nosso senhor, Deus vos pague encarregado na presença que aqui está Santo Reis com seu carneiro hoje vei vos visitar, Deus vos pague encarregado com prazer e alegria muito alegre e sastifeito reuniu sua folia, Deus vos pague encarregado esteja ciente nessa hora quem primeiro andou no mundo foi Deus e Nossa Senhora, e aifeliz folião despedir de sua família na saída marca a hora na chegada marca o dia, Deus vos pague essa casa e o dono que nela mora muitos anos viva nela quera da sua boa esmola, reunuir os corações para entrar o resprandor para entrar meu Santo Reis cheio de graça e amor, reunir o corações para receber o canto para receber a bença deste verdadeiro Santo, senhor dono da casa esteja ciente nessa hora leva seu joelho no chão e queira da sua boa esmola, levanta filho de Deus tira seu joelho da terra tira seu joelho do chão que é nosso pai eterno, lá no céu tem alegria aqui na terra também tem vai rogando o Bento filho que para ser o nosso bem. Quanto dia que nós andemos cadê as coisinhas que nós ganhamos, cadê as coisinhas que nós ganhamos, cala boca não diga nada, cala boca não diga nada aqui não tem leite me dê coalhada, que aqui não tem leite me dê coalhada, abre a porta se não eu entro, abre a porta, eu vou lá dentro, abre a porta, se não eu entro, abre a porta eu vou lá dentro, o a dona da casa ela é boa da garrafa de mel docinho de aração, oh bonito é Reis vou girar, oh bonito é Reis vou girar, oh bonito é Reis vou girar, primeira festa do ano é o Divino Santo Reis, ele mesmo nos ajuda, até paroano outra vez, oh festa do ano do Divino Santo Reis que ele mesmo nos ajuda, até paroano outra vez. Santo Reis com seus carneiros que ajuda nós tudo, até paroano se Deus quiser com muita felicidade. O giro da folia de Reis é calado, não bate caixa, só bate

na hora do canto, da curraleira e na hora da despedida. As outras folias gira o dia e Santo Reis é só a noite. Ele gira a noite porque Deus deu a licença, ele desceu do céu para a terra cumprindo sua pinição. A folia de Reis de antigamente para hoje já mudou por causa dos foliões, os de primeiro tinha mais mentalidade que os de hoje. A divindade sempre vai girar, nós não pode caba essa diversão de nós. Porque se acabar a divindade, acabou todas as coisas no mundo. Tem uns novos que tem a mentalidade de aprender e outros quê é desfazer, uns vai para aprender e outros vai para desfazer, mas a gente agradece. ... O giro hoje uns vai a cavalo, outros de moto. Mas a divindade não é para girar de moto e sim a cavalo. Porque a moto é para uma viagem, para um passeio, mas para girar divindade eu acho que a moto não é agradecimento... no dia do remato todos os foliões antes de chegar na casa do encerramento, todos os foliões desapeia, o encarregado vai e encontra os foliões com prazer e alegria para vir para o remato. Ai todos o foliões vai pedir perdão de alguma coisa que fez no giro, ai arriba a calça e de joelho, quem fez coisa errada tem que ter o ralo ou três pedras para joelhar em cima.

Entrevista realizada com um jovem de 16 anos de idade. Morador da comunidade e que sempre gira a folia de Reis, iremos chamá-los de P.S para preservar sua identidade.

O que é folia de Reis para você ?R: folia de Reis é uma divindade que sempre gira no Vão de Almas e nos outros... nas outras comunidade também, eu já girei na folia de Reis aqui no Vão de Almas. Qual a importância da folia de Reis para você e para a comunidade? R: Eu acho importante porque essa folia já vem de muitos tempos, dos mais velhos que girava essa folia, ai dos mais velhos foi passando para os mais novos e até agora tá continuando. Voce sabe a origem da folia de Reis? Onde ela surgiu? R: ua eu já vi os mais velhos fala sobre na... por exemplo minha mãe que a folia de Reis surgiu lá na casa do seu... ai hoje a folia de Santo Reis já tá, já sai na casa do seu... como era a folia de Reis antigamente? R: A folia de Reis antigamente ela era mais organizada, porque antigamente os foliões, quando os donos da casa sabia que a folia tinha chegado já tava cantando na frente da casa, agora hoje quando a folia de Reis e vem o dono da casa já vê que o povo hoje é com um barulho é com moto essas coisas. A folia de Reis ela gira a noite mas em silencio que quando chega na casa de uma pessoa a noite quando da fé que ela chegou já tá cantando no terreiro... antigamente a folia de Reis era bem mais calada, o povo girava tudo a cavalo, chegava deixava os cavalos assim numa meia distancia pra num fazer barulho na frente da casa e hoje já chega todo mundo correndo, gritando na frente da casa daquela pessoa ai quando da fé já, os donos da casa já viu que é a folia que

chegou. De primeiro ia tudo a cavalo, hoje tem deles que vai a cavalo, os outros já vai de moto é de carro. A folia de Reis já vi os mais velhos fala que ela gira todo ano sempre sai no dia 01 de janeiro e remata no dia 06. Sempre eu giro essas folias assim porque tem interesse em aprender que nem os mais velhos aprendeu e essas coisas. A folia de Reis chega na casa

de um a noite faz o canto pelo lado de fora, o dono da casa fica lá dentro com a luz apagada enquanto faz o canto, ai quando na hora da sussa lá eles abre a porta já para ir dançar a sussa lá na frente da bandeira no terreiro. A folia de Reis gira a noite e o dia para descansar e as outras gira o dia e a noite é para descansar. Na casa que ela amanhece o dia nessa casa que é o pouso, quando ela chega na casa da pessoa que vai pousar eles já faz o canto com agazalho tudo junto ali no canto ali no terreiro, ai o dono da casa já sabe que vai pousar ali. O gerente da folia sempre é o aifelo, ai por exemplo onde tem um pouso que tem um forró ai, antigamente os foliões não podia dançar que o aifelo assim não deixava, ai hoje tem um pouso na casa de um, ai os foliões é sempre os primeiros a dançar e é essas coisas assim. De primeiro era tudo tranquilo, agora chega umas pessoas assim com carro, com carro de som essas coisas, ai chega na folia, os foliões ta lá já chega bagunçando, com som de carro ligado, barulhando essas coisas. Mesmo aquelas pessoas que morava no local assim, morou lá muito tempo, saiu lá desse local, ai chega nesse local dinovo assim, depois que teve acesso a outras culturas de fora faz com quem não sabe nem o que era essas coisas assim mas, por exemplo; folias, ai já chega lá perguntando o que é isso que já dizer que não sabe mais, invés de valorizar a cultura, já vai é desvalorizar essas culturas essas coisas assim, ai já passa mas a prestigiar a cultura de fora que não são a cultura deles, ai vai esquece das suas próprias raízes .

Entrevista realizada com jovem de 37 anos de idade, morador da comunidade Kalunga Vão de Almas. Para preservar sua identidade iremos chamá-los de V.L.

A folia de Reis para mim é nossa manifestação cultural que marca a entrada do ano novo. Porque para nós aqui a gente considera muito a virada do ano e quando chega dia 01 que a gente trata ano novo já lembra da saída da folia de Reis que é a primeira folia, então normalmente para nós aqui do dia 01 que é a saída até o dia 06 normalmente a maioria das pessoas deixa as atividades para girar ou receber a folia de Reis em casa ou acompanhar nas casas das pessoas. Então ela é uma folia que marca muito já no início do ano essa manifestação da cultura nossa. Ela é muito importante para a comunidade porque ela trás logo no início do ano uma forma já do povo repensar na cultura, de

participar, se encontrar. A saída dela por exemplo no dia 01 que a gente faz a saída na noite é um ponto de muito encontro das pessoas e durante o giro também nas casas. Como aqui as casas são bem distantes é onde as pessoas tem contato pessoalmente, conversa, deseja feliz ano para todos é uma forma de muita interação para todos. Entre as pessoas e uma forma de se divertirem também, alimentar a fé a crença que a gente tem pelo Santo Reis. Quanto

8685

a origem da folia de Reis, eu não sei como surgiu, mas desde criança já conheci a folia de Reis girando aqui diretamente na comunidade e com tuas características, girando a noite. Antigamente a folia de Reis era mais vamos dizer organizada néh, ela pegava as pessoas mais dormindo porque ela gira a noite. As pessoas tem que andar em silêncio no deslocamento de uma casa para outra não pode bater a caixa que é diferente de outras folias e ai então mudou muito nesse sentido de organização nessa época as pessoas andava mais em silêncio, os foliões e hoje em dia acaba que tem muitos jovens néh, não todos mais tem uma grande maioria que não andam mais em silêncio, acaba indo fazendo barulho... uns a cavalo outros já vão de moto já andam na frente barulhando. Então mudou muito néh e antigamente ela era uma folia que o pessoal girava ela mais com fé mesmo, geralmente quando gira ela com fé mesmo mais certinha tem até mais uma forma de realização dos objetivos dos pedidos para Santo Reis. Nessa parte que mudou é como eu já disse: hoje já não anda mais em silêncio como andava antigamente para chegarem nas casas, hoje anda muito barulhando porque a folia de Reis andava em silêncio a intenção era pegar os moradores dormindo. Mais hoje mudou muito não consegue mais pegar ninguém dormindo, hoje o povo anda em uma barulheira danada e ai a gente acaba escutando muito foliões mais velhos fala que eles vão deixar de girar porque tá muito bagunçado no dizer deles. Em relação que já ouvi as pessoas mais velhas falando sobre a folia de Reis é como eles giravam antes, eram mais organizados, mais em silêncio, também nessa época de folia de Reis antes chovia até mais, o pessoal acabava molhando muito, rios cheios, hoje as vezes encontra mas já é bem mais difícil néh que as chuvas tem mudado muito, aconteceu muitas mudanças climáticas. Esse ano eu sou folião e já girei a folia de Reis, inclusive agora em 2024 mesmo e foi muito bom, eu nunca tinha girado do começo ao final, sempre eu dava uma ajuda nos foliões e ajudando a cultura. E esse ano já fui mesmo para ser folião do início até o fim e foi muito legal. A gente ver a experiência da folia, a gente ver a interação dos foliões mais velhos com os mais novos que estão

aprendendo e ai foi muito gratificante mesmo. Em relação a folia de Reis ela tem que sair no dia 01 e remata no dia 06 e ela gira a noite todo mundo calado, sem conversar no deslocamento de uma casa para a outra e sem bater a caixa, só bate a caixa quando começa o canto. O canto a gente faz pelo lado de fora, ai tem o momento de saudações e o momento de mandar o morador Sender a luz, ai o morador acende a luz e sai para fora e beija a bandeira enquanto nas outras folias o canto é feito dentro da casa, e as outras folias desloca de uma casa para a outra batendo a caixa néh. Então de longe já escuta a folia está vindo e a folia de Reis não, ela gira todo mundo caladinho, só já bate a caixa quando inicia o canto no terreiro dos moradores. A folia de Reis com certeza já perdeu algumas características como se diz por exemplo antigamente tinha a Lapinha, eu lembro da minha tia fazendo e ai no tempo eu era criança eu ajudava. A Lapinha era a gente fazer um altar, ai pegava as coisas da roça bem verde assim, melancia, milho verde que na época já tinha nesse período chovia mais cedo e ai pegava laranja e essas frutas do cerrado que já tinha e ai gente fazia o altar néh, colocava as imagens que teria em casa e colocava as frutas por fora ou do lado do altar e ai os foliões chegava, saudava, fazia o canto, eles já chegava sabendo que tinha essa Lapinha, fazia todas as saudações no canto e ai aquelas frutas todas era para os foliões, ai quando eles terminava o canto eles podia pegar e era muito gratificante. Hoje em dia eu não tenho visto mais néh, acabou ninguém está fazendo mais. A folia gira do começo ao fim e não encontra mais uma Lapinha que é uma coisa bacana para gente ver e em questão também é a influência da cultura de fora, muitos jovens não estão ligando em aprender mais, ou girar uma noite duas ou três, ou até mesmo do começo ao fim com a folia. Eles giram um pouquinho, outros nem vão, só esperam ali na casa, não dá muita atenção e aquilo é diferente não dá um agradinho para os foliões, não tratam os foliões bem néh, tudo a gente vê e diferente porque se a gente for pegar uma análise aqui hoje na comuni-dade, as pessoas que mais trata os foliões bem, nas suas casas, à grande maioria são foliões ou pessoas mais velhas, os jovens são poucos

Entrevista realizada com com uma mulher de 24 anos de idade, moradora da comunidade Kalunga Vaõ de Almas. Para preservar sua identidade iremos chamá-los de S.N

A folia de Reis para mim é um elemento que faz parte da cultura local néh que desde que começou o quilombo aqui no Vão de Almas e outros quilombos também ela faz parte dessa cultura. E a importância dela para a comunidade é que além de ser um elemento

cultural aqui da comunidade é onde o pessoal costuma depositar sua fé. Ela sai no dia 01 de janeiro e arremata no dia 06. O pessoal costuma néh de pegar a folia para cumprir promessa, que talvez estava sentindo alguma coisa e pega a folia na fé de fazer a festa e ficar livre néh se curar de alguma coisa que esta sentindo, alguma doença néh e faz seus votos no caso nesse Santo que é o Reis Magno. A origem da folia eu nunca ouvi falar, também nunca pesquisei sobre, nunca entrei nesse assunto sobre a origem da folia, como surgiu. A folia antigamente seguia bem mais a tradição. Sempre ela girou a noite e antigamente o pessoal fala que a folia chegava nas casas acostumava pegar as pessoas dormindo. Porque ninguém barulhava, chegava todo mundo calado, as vezes chegava bem tarde da noite quando o pessoal acordava a folia já estava cantando e batendo a caixa e

muitas das vezes eu lembro de muitas pessoas falarem que as vezes a folia cantava e tinha que acordar o pessoal que eles só com a cantaria do canto não conseguiam acordar e hoje a folia perdeu bastante essas características, não está mais como antigamente. Hoje o pessoal vai de moto para a folia, as pessoas barulham muito pra chamar a atenção. Os mais velhos hoje quase não vão mais para a folia e acaba que esses mais novos que estão indo não estão seguindo a tradição, estão deixando perder aos poucos essa cultura, não estão fazendo como o pessoal de antigamente. De um tempo a folia mudou, o que está diferente é que antigamente era mais silenciosa e hoje barulha muito. O que eu vejo falarem dos mais velhos é que a folia surgiu dos Santos Reis e o Divino fez uma combinação que um saia primeiro que o outro. Santo Reis falava que saia primeiro e o Divino falava que saia primeiro. Só que aí o Divino ensaiou em um dia para sair no outro e o Santos Reis no mesmo dia que ele ensaiou ele saiu e é por isso que ele gira somente a noite. Isso é o que já ouvi falar dos mais velhos néh. Eu me vejo muito na cultura local. Até então antes de eu estudar a Educação do Campo não me via muito na cultura, eu ia para as festas da comunidade, para as folias e eu não tinha muito interesse em conhecer, em pesquisar para mim era somente diversão mesmo, para mim não fazia parte da cultura e não tinha o conhecimento sobre. Mas depois que fui para a Universidade comecei a estudar sobre a cultura, os professores começaram a falar de culturas que a gente tinha que valorizar a cultura local, tinha que estudar e não deixar acabar a cultura e hoje eu participo bastante das rezas, dos festejos religioso, das romarias, da levantação do mastro, da sussa e hoje me vejo bastante dentro da cultura. Eu já girei a folia de Reis uma vez cumprindo promessa. Eu girei gostei muito de estar girando e fui entender mais sobre a cultura. O que a folia de Reis tem de diferente das outras folias é que a de Reis gira durante a noite e as outras folias gira durante o dia, isso é umas das principais características que ela tem de diferente das outras folias. A folia de Reis já perdeu bastante as características que o pessoal costumava chegar em silêncio e hoje não tem mais isso, as pessoas vão de motos, carros, vão barulhando não respeitam mais a cultura que não está mais como antigamente. E a cultura de fora assim, eu acho que ela não costuma influenciar muito na cultura local porque a cultura aqui da comunidade ela tem umas características específicas néh. Porque por exemplo tem a sussa aqui na comunidade ela é de um jeito e em outra comunidade ela já é de outro jeito e em outro Estado ela já é de outro jeito

